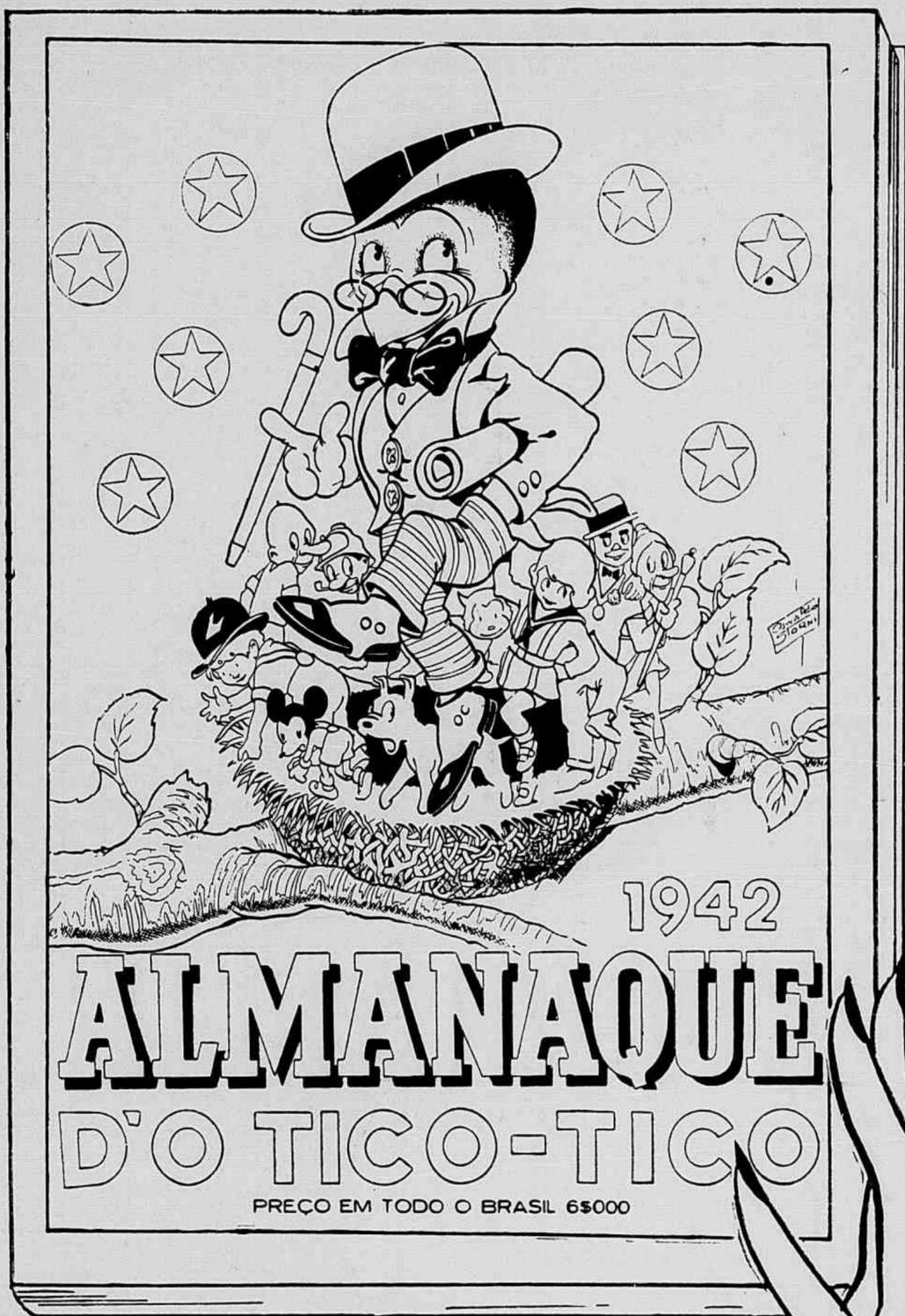




ANO XVI—N.º 553
RIO-11-1941—35000

CINEARTE



A MAIOR
Maravilha
deste
ANO!
O mais lindo
livro de historias
do Mundo!
O mais completo
ALMANAQUE
do Brasil!

Em *Dezembro*

ALMANAQUE
D'O TICO-TICO

71-305

Cada Fôrma da
Casa AMERICANA
"é um encanto das donas de casa"

TODOS OS UTENSÍLIOS NECESSÁRIOS A COSINHA MODERNA

ESCREVA ou TELEFONE. J. RODRIGUES & CIA. LTDA.
RUA DA ASSEMBLÉA, 50 - RIO DE JANEIRO
FONE: 22-5555

DURANTE
A
AMAMENTAÇÃO
DE
SEU
FILHO,

Maltina
HANSEÁTICA

Na vida só
vencem os
fortes!

HORMOCÁLCIO
"GRANADO"
recalcificante

Revigora os fracos!

A TELA EM REVISTA

(Resumo dos filmes estreitados em Outubro)

Alô, America! (The Great American Broadcast) — T. C. — Fox — Regular.

Ao Sul de Suez (South of Suez) — Warner Bros — Regular.

Baile na Opera (Der Opernball) — Terra — Regular.

Caravana emboscada (Doomed Caravan) — Paramount — Regular.

Comando negro (Dark Command) — Republica — Regular.

Cupido perigoso (Blondie Plays Cupid) — Columbia — Regular.

Fúria no céu (Rage in Heaven) — M. G. M. — BOM

Governador — O — (Der Gouverner) — Terra — Regular.

Ilha dos horrores — A (Horror Island) — Universal — Regular.

Maisie na alta rôda (Maisie Was a Lady) — M. G. M. — Regular.

Medico prisioneiro (Those High Grey Walls) — Columbia — BOM.

Mulher do padeiro — A (La Femme du Boulanger) — Marcel Pagnol — BOM.

Noites de rumba (Las Vegas Nights) — Paramount — FRACO

Ordinario... marche! (Buck Privates) — Universal — Regular.

Paixão fatal (The Flame of New Orleans) — Universal — BOM.

Pede-se um marido (Come Live with Me) — M. G. M. — BOM.

Por partidas dobradas (The Quarterback) — Paramount — Regular.

Revôda das aguias — A (I Wanted Wings) — Paramount — BOM.

Sedução do garimpo — Cinédia — BOM.

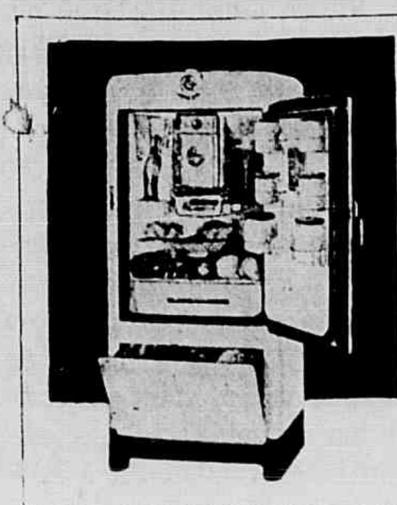
Serenata prateada (Penny Serenade) — Columbia — BOM.

Somos todos irmãos! (Men of Boys Town) — M. G. M. — BOM.

Submarino fantasma (Phantom Submarine) — Columbia — Regular.

Tentação de Zanzibar — A (Road to Zanzibar) — Paramount — Regular..

Volta do fantasma — A (Topper Returns) — U. A. — BOM.



Shartan A MARAVILHA EM
TECNICA E BELEZA
PARA 1942!

PEÇA INFORMAÇÕES SEM COMPROMISSO
NOS DISTRIBUIDORES GERAIS

CASA STEPHEN

FUNDADA EM 1908

A casa que também vende as al-
madas canetas-tinteiro e lapizeiras

WEAREVER a rainha das
canetas baratas e **PARKER**

Fazem-se concertos em geral
GAL. CRUZEIRO

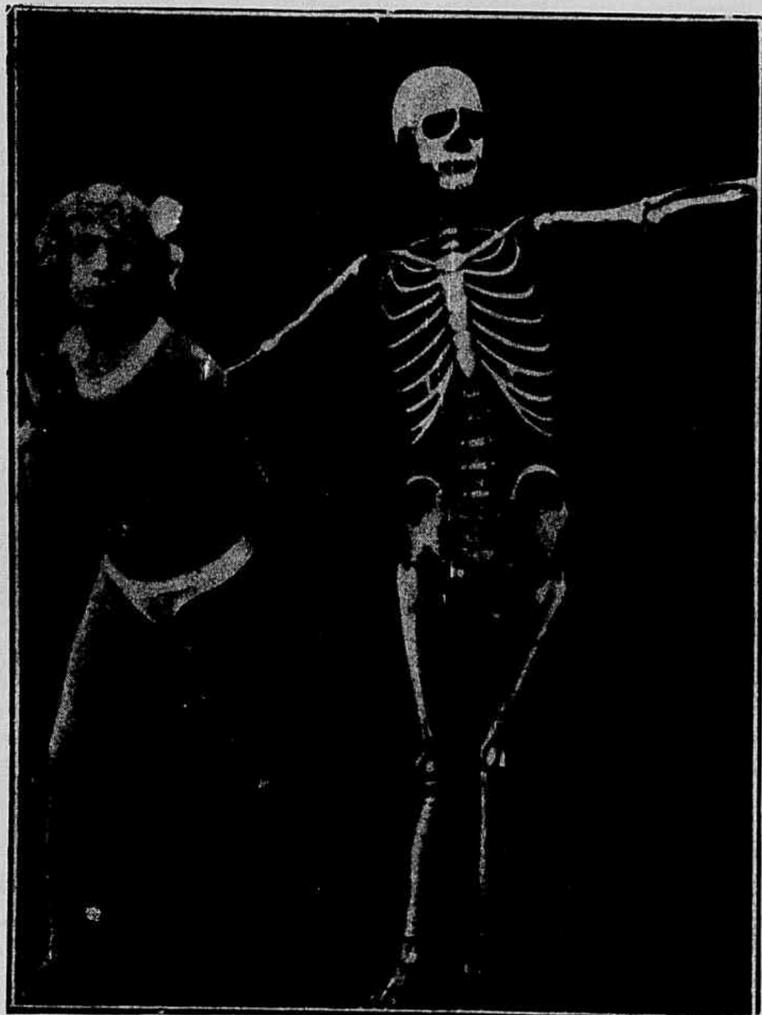
R. SÃO JOSÉ 117
FONE 22-0508



A NOSSA CAPA

GRETA GARBO (Greta Gustafsson), nasceu em Estocolmo, Suécia, num dia 18 de Setembro. Depois de ter trabalhado numa loja, da qual foi modelo de chapéus, fez sua estréia no cinema numa comédia intitulada 'Erik, o vagabundo', na qual chamou a atenção do falecido diretor Mauritz Stiller, que lhe deu o papel da Condessa Elizabeth Dolina em "Gosta Berling". Depois apareceu em "A rua das lágrimas", de Pabst e quando Stiller foi para Hollywood, arranhou-lhe um contrato na Metro. Estréou em "Laranjais em flôr" e causou sensação em "Terra de todos", seu primeiro e unico filme americano, dirigido por seu protetor.

CINEARTE



Reminiscencias:..— Emilia Sannon numa cêna de "O joquei da morte", o maior sucesso cinematografico de 1913, no antigo, cinematografo Parisiense, do saudoso Staffa. Teve uma continuação — "O Circo da morte" — ou — "A ultima sotrée de gala no Circo Wolfson", apresentada em 1916. O joquei era Alfred Lind...

CINEARTE

Edição da Soc. Anônima O MALHO

Diretores :

ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA
E OSWALDO DE SOUZA E SILVA

Representante em Hollywood :
GILBERTO SOUTO

Correspondente em Portugal :
J. ALVES DA CUNHA

ANO XVI — Número — 553
Ncvembro — 1941

Assinaturas :

Ano	35\$000
Seis meses	18\$000
Número avulso	3\$000
" atrazado	4\$000

Redação e Administração :
Travessa do Ouvidor, 26

Caixa Postal, 880
Telefones — 23 - 4422 e 43 - 9453

Oficinas :

Rua Visconde de Itaúna, 419

End. Teleg. "O MALHO" — Rio

Este número contem 52 páginas



Lionel Barrymore e Lillian Gish no velho filme de Griffith "Gold and Glitten".

Vivien Leigh declarou que tem recusado e continuará recusando toda e qualquer oferta da parte dos produtores de Hollywood. Vivien disse que só voltará à America depois da guerra acabada. No próximo inverno inglês ela vai tomar parte na peça "Claudia." obra de grande valor, além de continuar empenhada nas várias tarefas de auxilio à causa da sua patria.

METROLINA

Para a higiene íntima da mulher

**ANTISSÉPTICO GINECOLÓGICO
BACTERICIDA - DESODORIZANTE - ADSTRINGENTE**



PERGUNTE-ME OUTRA

FERNANDO DE SOUSA CASTRO (Baía) — A cotação de "Jan-tar às 8" foi "Regular". 1.º — E' verdade. 2.º — "Tudo pelo amor", "Que viuva!", "Indiscreta", "Esta noite ou nunca", "Casamento liberal", "Three Weeks" (que não foi concluído), "Musica no ar" e éste último em que voltou, na RKO. 3.º — Grace Moore, Reginald Denny, Wallace Beery, Jobyna Howland, Gilbert Emery, George Marion, Bodil Rosing, Joan Standing, Paul Porcasi e Judith Vasselli. 4.º — George Arliss, Violet Heming, Bette Davis, Donald Cook, Oscar Apfel, Louise Closser Hale, Ivan Simpson, Russell Hopton, William Joanne e André Luguet. 5.º — "Muito Bom". Não sei, quanto à coleção de 1932.

FAN-FANATICO DE ALICE FAYE (Rio) — Gosto das duas. Alice é mais artista, mas Betty é infernal... Alice canta no filme citado. O próximo é este mesmo. Por enquanto, não se fala mais na vinda ao Rio. Sim, concordo...

FAN DE JOAN CRAWFORD (Pelotas) — Eis a segunda lista de filmes de sua predileta, conforme prometi: — "Pirata amoroso" (Twelve Miles Out), "Entre quatro paredes" (Four Walls), "O monstro do circo" (The Unknown), "Academia de Cadetes" (West Point), "Rose Marie" (idem), "Procélas do coração" (Across the Singapore), "A lei do deserto" (The Law of the Range), "Sonho de amor" (Dream of Love), "O novo campeão" (The Duke Steps Out), e "Garotas modernas" (Our Dancing Mothers). "Rose Marie" foi o melhor.

DORINHA (Rio) — Em "Asas do Brasil" trabalhavam: — Celso Guimarães, Alma Flora, Ribeiro Martins, Vania Pinto, Manézinho Araujo, Yara Jordão, Luiza Nazareth, Rosina Pagã, Gastão do Rego Monteiro, Paulo Roberto, Alvaro Augusto, Alvaro de Souza e Saint Clair Lopes.

FAN DE MARLENE e CINEARTE — Sem os títulos originais dos filmes, é difícil responder. Os leitores devem citá-los juntamente com os títulos brasileiros, para a necessária pesquisa. Só dispense essa exigência, quando se trata de filmes

muito conhecidos e não está neste caso nenhum dos filmes que o amigo cita. Quanto às fotografias, publicaremos quando recebermos novas.

POLO ROMANO (São Paulo) — Quando enviar desenhos, veja se pode enviar com exclusividade. Aquele do "Ty" o amigo mandou também para o "Cine-Mundial"... Mae nasceu em Brooklyn, no dia 17 de Agosto de 1892. Rita (Margarita Cansino) nasceu em New-York City, no dia 17 de Outubro de 1918. O último é "You'll Never Get Rich", com Fred Astaire. Filmes de Mae: — "Valentino" (Noite após noite), "Uma loura para três", "Santa não sou", "Uma dama do outro mundo", "Senhora da alta roda", "A sereia do Alaska". "A vida é uma festa" e "Minha dengosa".

FERNANDO (Santos) — Vou publicar o desenho no próximo número, junto com uma nova descrição de "Week-End in Havana". Não li a crítica de "Cêna Muda". Aqui vão as idades, tanto quanto pude apurar em biografias antigas e, portanto, mais garantidas que estas que estão aparecendo agora: — Gloria, 42; Carmen, 30; Marlene, 37. Está bem?

DORA (São Paulo) — Hedy ainda não saiu na capa porque não temos recebido novos retratos. As outras também dependem de fotografias novas. Não tenha medo que o seu desejo será satisfeito.

UBIRAJARA MENDES (Recife) — Muito obrigado. Depende de conseguirmos um bom retrato, novo. O seu admirado é um excelente artista, mas parece que depois do Rei Ricardo e Marco Antonio, De Mille desinteressou-se dele, não sabemos porque. Um dos seus bons papeis modernos é o do companheiro de Nelson, em "Lady Hamilton".

PROFESSOR WALTER BOTTURA — Aqui fica o seu endereço para os leitores interessados em manter correspondência com o amigo: — Caixa Postal, 140, Guararapes — N.O.B. — Estado de São Paulo.

ADILLO LICETTI — Idem, idem, Rua Brusque, 177, Joinville, Est. de Santa Catarina. Quanto aos jovens de Hollywood não conhecemos nenhum.

VERA SEABRA RAMOS (Baía) — Temos publicado tantas reportagens. Não tem lido? Agora, só quando Carmen voltar a Hollywood, no ano próximo. A aquisição do retrato é difícil. O melhor é escrever à própria Carmen, em Nova York, pedindo. Escreva aos cuidados da 20th-Century-Fox-Studios, Beverly Hills, Hollywood, Cal., que ela receberá a carta. O mesmo, quanto à Aurora. Gilberto Souto, aos cuidados desta redação. Dircinha sai neste número, na seção de rádio.

EU (Rio) — Mae Clark nasceu em Philadelphia, Pennsylvania, no dia 16 de Agosto de 1910. Dita Parlo, só sei que é austriaca. Ann Harding, também, sei apenas que nasceu em Texas. Mas West, Brooklyn, 17 de Agosto de 1892. De Josephine não temos notas.

GENTLEMAN (Rio) — E' verdade, sim, Eddie Polo, o inesquecível Rolleaux, está fazendo "pontinhas". Ainda, há pouco, vimo-lo, servindo bebidas num balcão de "bar" no film da Universal, "A lei manda", com Johnny Mack Brown. Apenas está um pouco calvo. Quanto à sua linda filha, Malvina Polo, não sabemos que fim levou.

RAY — Os nomes das personagens interpretadas por Greta Garbo, nos seus filmes silenciosos foram: — Leonora (Laranjais em flôr), Felicitas (A carne e o diabo), Elena (Terra de todos), Anna Karenina (idem), Marianne (A mulher divina), Tania (A dama misteriosa), Diana (Mulher de brio), Lillie (Orquideas silvestres), Arden (Mulher singular), Irene (O beijo). O primeiro filme falado foi realmente "Anna Christie". "Inspiração" era "Sapho", sim.

OPERADOR



ANUARIO DAS SENHORAS — EM DEZEMBRO



DOWN IN SAN DIEGO (Metro Goldwyn-Mayer) — Um filmezinho de programa que conta as aventuras de um punhado de artistas jovens em luta contra um grupo de espões. Se bem que o filme não declare, claramente, a nacionalidade dos espões, a gente sabe logo que são alemães... Há coisas fantásticas na história, mas diverte e serve também para apresentar um bom trabalho de Dan Dailey Jr., um rapagão simpático do elenco da Metro. O principal interprete é Ray Mac Donald, um rapazinho de dezesseis ou dezessete anos, que tem o seu primeiro papel de responsabilidade. Ray, porém, em filmes futuros, será apresentado como danarino-sapateador, no que é, como já escrevi, há tempos, excelente. O elenco apresenta ainda Bonita Granville, Leo Gorcey (notável), Henry O'Neill, Dorothy Morris, Hobart Cavanaugh, William Tannen e outros. Dirigido por Robert B. Sinclair.

DR. JECKYL AND MR. HYDE (Metro Goldwyn-Mayer) — Esta velhíssima história, já vista no cinema, várias vezes, volta, mais uma vez, a ser apresentada na tela, com Spencer Tracy, no papel duplo do médico e do monstro, e Ingrid Bergman, na taverneira que é assassinada por ele. Se não fôsse o assunto batido e a lembrança ainda bem vívida das versões anteriores, o filme poderia agradar muito mais do que o faz. Spencer é, na minha opinião, um artista para papéis menos "monstruosos" do que este. Dificilmente, a gente aceita um assunto destes, em que cavalheiros respeitáveis, de repente, passam a "criminosos, sadistas, assassinos, etc.". O filme é bem dirigido, entretanto. As cenas iniciais, quando o Dr. Jeckyl sente os efeitos da droga fatal, são ad-

Tyrone Power e Betty Grable e John Sutton em "A Yankee in the Raf".

miráveis. A "montage" aí apresentada procura reproduzir na tela as doutrinas freudianas, com cenas de "surrealismo" que recomendam brilhantemente quem as imaginou e as fotografou. Fôra disto, a gente tem que "aceitar" Ingrid Bergman com sotaque suéco, fazendo uma pequena do "Limehouse" de Londres. Amigos ingleses disseram-me que em Londres muita gente vai rir. E' pena porque Ingrid é uma das artistas mais admiráveis que o cinema conseguiu nos últimos tempos. Ela está admirável. Lana Turner deve continuar fazendo papéis de "pequena do Ziegfeld". Linda, bem feita de corpo, sedutora, ela é mais um elemento de decoração do que uma artista para nos dar cenas dramáticas e papéis fortes que pedem talento e habilidade dramática. Não é um mau filme. E' um trabalho que, certamente, despertará curiosidade pelos nomes do elenco, pela representação e direção aos que nunca viram o assunto. Dirigido por Victor Fleming.

NEW YORK TOWN (Paramount) — Aqui está um filme que, certamente, não foi feito na expectativa de grande produção, de coisa sensacional, mas que tem tanta sinceridade e honestidade na sua maneira de contar a história, nos seus momentos mais românticos e na filosofia de alguns dos seus personagens, que a gente sai do cinema satisfeito. Fred Mc Murray que não é nenhum "destruidor de corações", mas apenas um rapaz tipicamente americano, está excelente. Mary Martin é encantadora, se bem que nada tenha de realmente "glamourosa" ou fascinante. O assunto é interessante, bem

feito e com aspetos da vida de uma grande metropole. Não é uma obra prima; está longe disso, mas é um filme agradável. Akim Tamiroff é um dos bons artistas do elenco. Robert Preston, Linne Overman, Eric Blore (gozado), Fuzzy Knight, (engraçado), e outros completam o elenco que foi dirigido por Charles Vidor.

GLAMOUR BOY (Paramount) — Filmezinho de linha com ambiente de Hollywood e da sua gente, artistas, diretores, produtores, etc. E' bem interessante e despertará agrado nos "fans". Jackie Cooper faz o papel de ex-menino famoso do cinema. Há mesmo várias cenas que repetem o seu desempenho naquêl filme celebre, "Skippy". E' interessante ver-se o próprio Jackie Cooper olhando-se na tela, quando garotinho-prodígio. Jackie Searl aparece também e êle foi o companheiro de "Skippy" naquêl velho trabalho da Paramount. Darryl Hickman, um garoto impagável, faz o papel de um "menino de Hollywood". No resto do elenco, Susanna Foster, cantando bem como sempre, Walt Abel, num produtor complicado e atarefado com os problemas da sua família, William Demarest, Edith Meiser, Kay Linaker e outros. Dirigido por Ralph Murphy.

NOTHING BUT THE TRUTH (Paramount) — Bob Hope é ainda o meu comediante favorito, hoje em dia, no cinema. Esta história se presta muito bem ao seu talento e as situações são bem engraçadas obrigando o público a rir com gosto. Creio que, no velho silencioso, o mesmo assunto já foi feito e se não me engano com Bryant Washburn. Elliot Nugent é um bom diretor de comédias e com gente tão boa no elenco, não poderia deixar de

nos dar um comédia impagável, deliciosa mesmo. Paulette Goddard, mais fascinante do que nunca, Edward Arnold, Leif Erickson, Helen Vinson, Willie Best, Glenn Anders, Grant Mitchell, Catharina Doucet, Rose Hobart, Clarence Kolb, Mary Forbes, Leon Belasco e Helene Millard completam o elenco. Não percam esta comédia.

WHEN LADIES MEET (Metro Goldwyn-Mayer) — A peça de Broadway, que já foi feita pela Metro com Myrna Loy, Ann Harding e outros, volta, desta vez "aerodinamizada" com Joan Crawford, Robert Taylor, Greer Garson, Herbert Marshall e outros. E' um "blah-blah" do principio ao fim. Mesmo para os americanos que poderão apreciar o dialogo, o filme oferece um dialogo que, pela sua irreverência de principios ou excesso de "sophistication" já está batido e não obtém o brilho que a peça ofereceu há um bom par de anos. Crawford está deliciosamente encantadora, bem vestida (se bem que em certos momentos, como no jardim, de modo exagerado...) elegante e fascinante como de costume. Robert Taylor tem, de fato, um bom papel. E' uma das boas coisas que êle tem dado ao cinema. Marshall, o mesmo de sempre, talvez dispéptico... é o único adjetivo que encontro para bem

FUTURAS

(FILMES VISTOS EM HOLLYWOOD POR GILBERTO SOUTO)

o qualificar. A gente fica curioso em saber como é que Joan poderia mesmo se deixar fascinar pela cara amarrada e o "enjôo" das suas atitudes. Enfim, talvez esteja sendo pessimista demais... Perdoem-me, os seus "fans". Spring Byington é uma "senhora" da alta roda, aloucada, desmiolada e engraçada. Ambientes riquíssimos e muita elegância em todas as cenas. Greer Garson, essa artista tão admirável, agrada imenso. A sua parte convence mais do que a de Crawford. Dirigido por Robert Z. Leonard, especialista nestas comédias de sociedade. Rafael Storm tem um bom papel.

ALL THAT MONEY CAN BUY (Radio-R.K.O.) — Eis aqui o melhor filme do mês. E' bastante diferente do comum que Hollywood nos vem dando; original, exótico em certas faces da sua história, bem dirigido, fotografado de modo brilhante, desempenhado com verdadeira maestria; é enfim, um espetáculo que foge ao rameirão habitual. E' possível também (e este é o ponto de vista da bilheteria) que não vá render milhões, mas os que gostam de cinema — por ser cinema — vão apreciar. Aconselho aos bons "fans" que não o percam. O assunto, uma legenda dos velhos tempos da América na região de Nova Inglaterra, é tratado com tanta delicadeza, com tanta habilidade e arte, que a gente aceita o episódio do jovem fazendeiro em pacto com o diabo. Há momentos admiráveis. Há sequências que ficarão inolvidáveis. Há também um quê de "européu" na apresentação do filme, na di-

reção e fotografia de certas cenas. Um dos momentos de bom cinema é a dança depois da colheita, o baile na casa do rico fazendeiro, as cenas entre Simone Simon e James Craig. William Dieterle dirigiu e produziu e, assim, fez o que bem entendeu e seguiu apenas os ditames do seu talento de artista. James Craig, que vocês conheceram em "Kitty Foile", tem um desempenho muito bom, mas Walter Huston, no papel do "Mr. Scratch (o diabo)", está simplesmente magistral. Edward Arnold vai muito bem na parte de Daniel Webster, figura da história americana. O final, com o júri, formado de renegados e tipos das páginas da História dos Estados Unidos, será creio, um tanto complicado para platéias estrangeiras o compreenderem. Não percam este filme. O acompanhamento musical é excelente e merece menção toda especial. Foi escrito por Bernard Herrman. A fotografia é de Joseph August. Aparecem ainda Anne Shirley, Jane Darwell, Gene Lockhart, John Qualen Conlan e outros.

A YANK IN THE R.A.F. (20th Century-Fox) — Um filme de ambiente de guerra atual, com o querido Tyrone Power no papel de um jovem americano, alistado na Aviação inglesa. Se bem que o filme seja apresentado com todas as

suas simpatias pelos aliados, a parte que toca de perto aos alemães não é mostrada com a brutalidade de outros filmes, de propaganda direta contra o nazismo da Alemanha. A evacuação de Dunquerque é bem feita, se bem que tomando pouca metragem do filme. Tyrone está muito bem e o filme, além do seu papel oferece ainda Betty Grable, John Sutton, Reginald Gardiner e outros. Reggie Gardiner vale todas as cenas em que aparece, roubando a atenção do público só para ele. O filme foi feito em colaboração com as forças inglesas, oferecendo manobras aéreas e vôos noturnos. Dirigido por Henry King.

LADIES IN RETIREMENT (Destino de mulher) (Columbia) — Assunto sombrio, triste, trágico e quase de grand-guignol. O novo filme da Columbia foi adaptado de uma peça teatral de Broadway de grande sucesso e, assim, naturalmente, já tinha público quando, agora, apresentado na sua forma cinematográfica. O ambiente, a fotografia, o desempenho e a direção de Charles Vidor fazem dele um trabalho diferente, bom, sob diversos aspectos e de grande emoção. É mais uma vitória para Ida Lupino, no papel da irmã assassina; um grande desempenho das duas irmãs dementes, Elsa Lanchester, a esposa de Charles Laughton, e Edith Barrett, artista inglesa que repete o seu papel do palco. Isobel Elsom, Evelyn Keyes, Emma Dun, Queenie Leonard, Clyde Cook completam o elenco. O papel masculino é-nos dado



Walter Huston (o Diabo) e Edward Arnold em "All That Money Can Buy".

por Louis Hayward, num tipo cínico, conquistador, um verdadeiro rufião. Ele vai muito bem. O filme impressiona, já pelo trabalho geral, direção, fotografia, ambientes e desempenho dos artistas do elenco.

HONKY TONK (Metro Goldwyn-Mayer) — Com os nomes de Clark Gable e Lana Turner, este trabalho tem que, forçosamente, chamar público. É, porém, um filme longo e onde Gable repete papéis já por ele feitos em filmes anteriores. É a velha fórmula, mais uma vez, repetida. Lana, belíssima, é e continua a ser

uma linda pequena. Sou de opinião que o estúdio não deveria estar puxando tanto por ela, dando-lhe partes dramáticas, sérias e difíceis de representar, quando Lana ainda não tem habilidade bastante para isso. Albert Dekker, Claire Trevor, Chill Wills, Frank Morgan, Marjorie Main, Henry O'Neill e outros completam o elenco que foi dirigido por Jack Conway. O público, certamente, gostará de ver Clark Gable dominando, como sempre, conquistando, ousado, zombeteiro, malandro tal qual o fez em "E O Vento Levou".

ESTRÉIAS

"A higiene da mulher é a deusa que a embeleza. Porque o asseio integral tem uma influência viva na saúde e uma projeção radiosa na personalidade". O novo sentido da beleza feminina exige graça esportiva, o que significa saúde e alegria, isto é, higiene perfeita, ou seja: — uso geral e constante de "LEITE DE ROSAS".

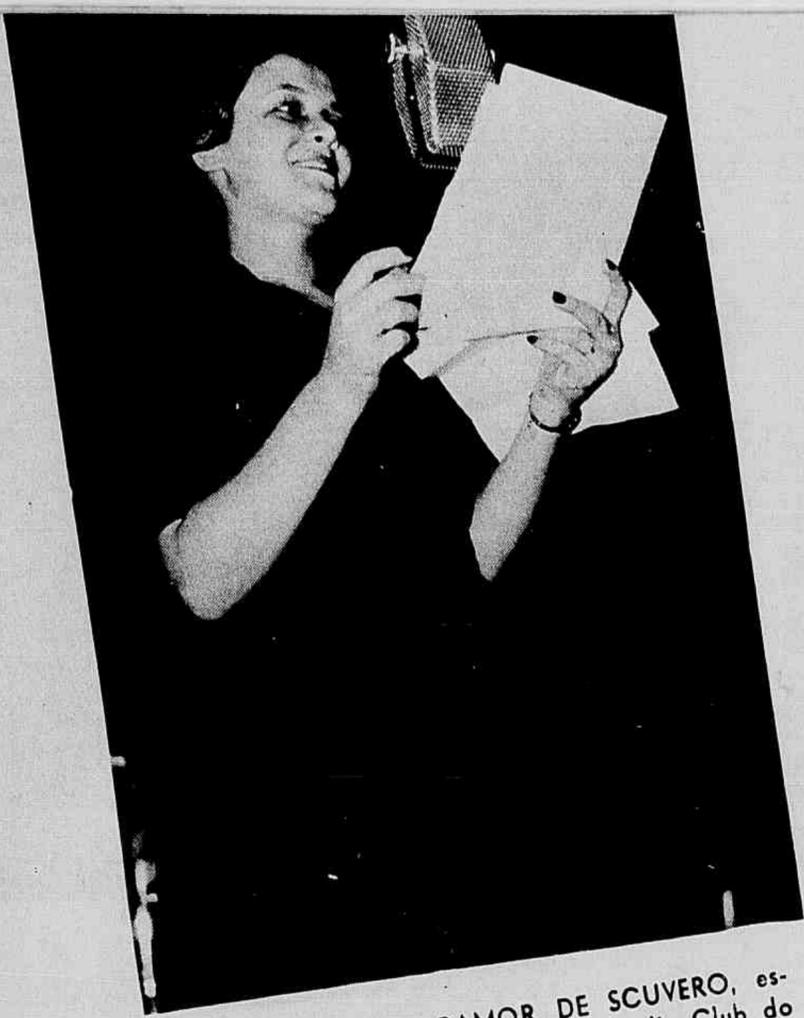
"LEITE DE ROSAS" desencarda e alveja as axilas e os cotovelos enegrecidos, dando a essas regiões aparência atraente e conservando-as rigorosamente limpas e perfumadas.

DOSODORANTE ideal, "LEITE DE ROSAS" seca o suor e corrige os ácidos que desbotam e deterioram os vestidos.

ANTES e depois do seu banho de mar ou de sol proteja e trate sua pele com "LEITE DE ROSAS". Mas não esqueça que, ao sair para bailes, visitas, passeios, etc., é indispensável fazer antes uma aplicação de "LEITE DE ROSAS". MARAVILHOSO fixador do pó de arroz, de aroma divino, "LEITE DE ROSAS", usado em massagens brandas, diariamente, limpa, alveja e amacia a cutis, eliminando, como por encanto, espinhas, sardas, panos, cravos e quaisquer outras imperfeições da pele.



O Laboratório "Leite de Rosas", à rua J. J. Seabra, 10 — tel. 26-0725, atende a todos os pedidos de informação que lhe forem feitos e fornece "amostras grátis" para as experiências necessárias. É de importância capital ler com atenção o prospecto e a bula, que acompanham os vidros, para conhecer todos os segredos do uso.



Um instantâneo de SAGRAMOR DE SCUVERO, estrela do radio paulista, que a PRA-3, Radio Club do Brasil acaba de contratar para uma longa temporada. Sagramor veio fazer dois grandes programas na PRA-3: um infantil e outro feminino.



Xavier de Souza, esse personalíssimo "announcer", passou, agora, a atuar também aos domingos na PRA-3, Radio Club do Brasil. O instantâneo acima mostra-nos também Arnaldo Amaral, o popular cantor-galã, que não sabia que uma camera fotografica estava por perto, no momento...

RADIO CLUB DO BRASIL

DAMOS nesta pagina alguns aspectos do Radio Club do Brasil, a grande emissora carioca que todo o país ouve e admira.

Da atual fase do Radio Club do Brasil poder-se-á dizer, fazendo justiça, que é grandiosa sob todos os pontos de vista. A estação conta com todo um elenco de figuras queridas pelo publico ouvinte. E apresenta uma programação diaria para todas as preferencias: há musica popular pelos luminares do genero no radio local, ha humorismo pelos criadores favoritos dos radio-ouvintes, há literatura e musica fina pelos elementos os mais prestigiosos.

A grande correspondencia recebida para cada um dos seus colaboradores evidencia, por certo, a situação privilegiada do Radio Club junto ao publico ouvinte de todo o país.

PRA-3
860 KCS.

"Papel Carbono", o divertido cartaz das terças-feiras, pela PRA-3 é uma das atuais sensações do radio local. Desde a sua estreia, esse programa que obedece à orientação de Renato Murce, tem levado aos studios do edificio Cineac um publico numerosissimo. O instantâneo acima foi feito durante uma das ultimas emissões de "Papel Carbono".



Cesar de Alencar apresenta aos ouvintes de PRA-3, Radio Club do Brasil, Heleninha Costa, a graciosa sambista. Tanto o "announcer" quanto a estrela figuram entre os favoritos dos sintonizadores locais



Licia Maris, uma das estrelas favoritas dos ouvintes locais, atúa às terças e quintas-feiras (19,15 e 21,15) nos programas principais do Radio Club do Brasil. No instantâneo acima vemos a deliciosa interprete da canção francesa ao microfone da PRA-3 durante um dos seus ultimos "broadcasts". De costas, está o maestro Chiquinho, diretor da admiravel orquestra que vocês ouvem com o rótulo "Chiquinho e seu Ritmo".



“ÊTA,” MOCINHO!...

Os circos vão, aos poucos, passando de moda. Só os grandes ainda apreciam o palhaço no picadeiro e o equilibrista no arame, ou no trapezio.

Os grandes gostam do circo, porquê o circo é uma recordação muito grata da infância.

Mas os homens, ou as mulheres de amanhã, não se lembrarão dessa fase deliciosa da existência, porquê as crianças de hoje dão a impressão que já nascem grandes.

Gostam das tragédias e deixam para os adultos os espetáculos que foram feitos para elas...

Os verdadeiros livros para as crianças, são os adultos quem os lêem... Os verdadeiros filmes para os garôtos são preferidos pelos homens feitos...

Talvez, por isso, nos tenha recentemente chegado, de São Paulo, um curioso telegrama, cujo texto nos comunica que, num dos bairros da cidade, dois garôtos, que por sinal eram irmãos, resolveram brincar de “mocinho e bandido”, mas “brincar de verdade!”

— Como? — indagará o leitor.

Assim: — Na ausência dos pais os dois pequenos apanharam dois revólveres carregados que, por certo, sabiam o lugar em que as armas de fogo estavam guardadas. De posse das mesmas, cada um com

o seu revólver, saíram os dois a imitarem as cenas de Far-west, quando uma das armas disparou, indo a bala pegar o compa-

nheiro de “façanha”, nas costas, produzindo um ferimento grave.

E’, então, quando a vizinhança, aturdida, corre aos gritos, enquanto alguém, mais calmo, chama a assistência e leva a vítima para o hospital, onde ficou internada.

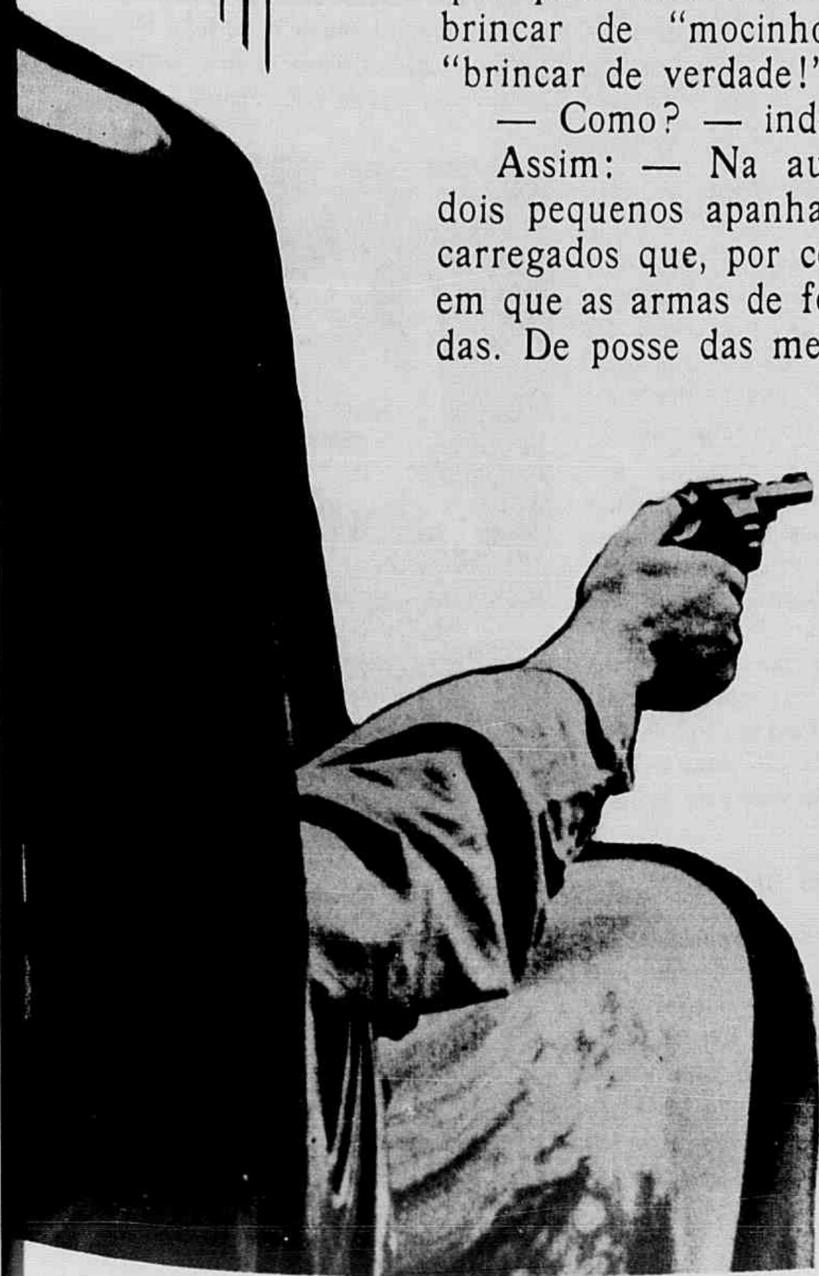
Eis aí um fato que ninguém será capaz de negar que se deu por sugestão. Altamente impressionadas com o “Êta mocinho!” dessas películas de aventuras, tão impróprias para menores, as duas crianças pretenderam realizar na vida real o que os artistas realizaram no mundo da fantasia...

Uma tal ocorrência, quanto esta que acaba de ser registada pelos jornais, deve servir de séria advertência áqueles a quem cabe decidir esta delicada questão de filmes “próprios” e “impróprios” à petizada.

Se, tal qual dissemos de início, as crianças de hoje dão a impressão de que nascem grandes e gostam das tragédias, é porquê a envolvemos em problemas que não lhe são afins e julgamos que elas não passam de uma redução dos adultos, de um “cliché” em miniatura destes, quando é certo que as crianças são, antes de tudo, CRIANÇAS, que pensam, agem e vivem como crianças e que, portanto, se lhes oferecemos um cenário de tragédia, elas se tornarão trágicas, exatamente como se dêu agora com o caso narrado pelo telegrama vindo de São Paulo.

Proibem-se filmes que devem ser vistos pelas crianças, enquanto dão acesso livre a espetáculos perniciosos como estes, em que são heróis os que sabem matar!

Está errado.



HOLLYWOOD BOULEVARD

(DE GILBERTO SOUTO, REPRESENTANTE DE "CINEARTE" EM HOLLYWOOD)



Shirley Temple e o diretor Harold Bucquet durante a filmagem de "Kathleen".

ADRIAN DEIXA A METRO

ADRIAN, o costureiro mais famoso de Hollywood, cuja reputação tem corrido os quatro cantos do globo, deixou a Metro Goldwyn-Mayer, depois de quase quinze anos de atividade. Adrian é, talvez, o homem mais conhecido pelas "fans" do cinema, depois dos Robert Taylors, Clark Gables, Tyrone Powers e outros galãs famosos. Os seus modelos, as suas criações e a elegância das toilettes que vinha desenhando para as estrelas da Metro eram copiadas, imitadas, suspiradas e invejadas por tudo quanto é mulher neste mundo.

Adrian, realmente, com os seus vestidos e as suas criações, algumas vezes bizarras, despertava comentários, aumentava o interesse da platéia feminina e era, na verdade, um tanto a mais que cada filme da Metro ganhava na computação final dos vários elementos de uma produção.

Adrian, que muita gente ainda pensa ser parisiense, nada mais é do que um bom americano, tão típico com o feijão à moda de Boston, camarões a La Louisiana ou o pastel de abóbora do tão festejado almoço do Dia de Graças.

Gilbert Adrian deixa a Metro para abrir um lindo salão de modas no Wilshire Boulevard, sendo que, assim, pela primeira vez, vai desenhar e fazer vestidos diretamente para o público, as ricas de lado a lado do país.

Tudo indica que muita milionária tomará o trem em Nova York só para vir à California encomendar uma nova toilette para a estação de inverno no Metropolitan Opera House.

Até agora, Adrian só fazia vestidos para as estrelas da Metro, devendo êle em grande parte ao interesse de Joan Crawford, uma mulher que sabe vestir com gosto, a difusão das suas idéias. E' bem possível que, de agora em diante, êle venha a fazer também vestidos para algumas estrelas a serem apresentados em filmes. Há muita estrela cujo guarda-roupa, por exigências de contrato, fica ao seu critério. Isto é, o desenhista dos modelos é por ela indicado. Tenho quasi certeza de que Crawford vai exigir Adrian para seu costureiro. O lugar de Adrian foi ocupado por Kalloch que, até agora, vinha criando modelos para as estrelas da Columbia. Kalloch é amigo de Adrian e com êle estudou na mesma escola de modas. Kalloch foi um dos amigos mais in-

timos da saudosa Pavlowa, tendo desenhado muitas das fantasias para os seus bailados.

Se bem que Kalloch tenha uma reputação e um nome já firmados, levará muito tempo ainda para, de vez, tomar completamente o lugar que Adrian havia criado para o seu nome e o seu talento.



Gilbert Adrian

HOMENAGEM A SRA. DARCY VARGAS

James Montgomery Flagg, um dos de senhistas e pintores mais conhecidos dos Estados Unidos, foi encarregado pelo International Forum, de Nova York, de pintar os retratos de quatro damas, cada qual representando um símbolo: Humanidade, Esperança, Felicidade e Honra. O famoso desenhista já deu os nomes das suas escolhidas e aqui estão elas: Mme. Chiang Kai Shek, **Humanidade**; A Duquesa de Kent, **Esperança**; Loretta Young, **Felicidade** e Dona Darcy Vargas, esposa do nosso presidente, **Honra**. Os quadros, uma vez terminados, serão expostos permanentemente no Salão de Honra da Sede do International Forum, em Nova York.

A NOVA SHIRLEY TEMPLE

Aos doze anos de idade, Shirley Temple faz a sua "rentrée" triunfal no cinema. Depois de se haver retirado provisoriamente por dois anos, com uma pequena fortuna de quasi dois milhões de dolares, a pequena estrela volta a trabalhar. Houve muito comentário quando a 20th Century-Fox a despediu, isto é, com uma maneira polida de não renovar o contrato. Diziam uns que ela ainda mantinha grande prestígio na bilheteria dos cinemas americanos, já para não contar o sucesso que o seu nome e os seus filmes conseguiam nos cinemas da América Latina. O mercado europeu era também um canal esplêndido para os seus filmes, mas a Europa, pelo menos na hora que atravessamos, é um ponto morto na balança de lucros das companhias americanas.

Shirley entrou para a Metro. Não sei acerto se o seu contrato é anual ou se apenas ali está por filme. Muito depende do agrado do trabalho que ela está fazendo no momento. Se agradar muito, é mais do que natural que vejamos mais filmes da

encantadora garotinha, mas se fracassar, pelo menos outra companhia qualquer a tomará e tentará apresentá-la mais uma vez. E' certo que a Metro não lhe está pagando bom dinheiro por vontade de gastar dinheiro atôa. Sabe-se que a Metro, companhia de prestígio, lhe deu um bom argumento e está fazendo tudo para que o seu filme seja um trabalho de sucesso. Shirley está crescendo. Continua engordando, mas faz exercícios e dieta. Nota-se que a pequena tem tendência a engordar e naturalmente chegando agora ao período de adolescência, começará a crescer barbaramente. E' bem provável que tenha que se retirar, mais uma vez, esperando talvez uns três ou quatro anos, até voltar novamente como uma jovem heroína. O tempo vai passando veloz. Shirley, em breve, estará sendo heitada por galãs famosos e a gente vai ficando velho... Como me lembro tão bem de umas comédias que ela fazia ainda há apenas quatro anos... como recorde as suas imitações de danarina hawaiana, de Mae West e outras personalidades numa



Sra. Darcy Vargas

comédia da Educational. Como recorde o seu primeiro sucesso ao lado de Adolphe Menjou e a saudosa Dorothy Dell em "Dada em penhor" da Paramount! O filme que Shirley está fazendo chama-se "Kathleen" e ao seu lado estão Herbert Marshall, Gail Patrick e outros.

O interessante é que Marshall faz o papel de um viuvo, pai de Shirley. A falecida esposa só aparece em cena, num retrato... Sabem de quem é o retrato? Nada menos que Greer Garson...

O estúdio achou que ela seria o tipo ideal para o papel de "mamãe falecida" de Shirley Temple! Pena que a publicidade da Metro aí no Rio não possa anunciar que Greer Garson também toma parte no elenco do filme...

VETERANOS DE VOLTA

Pouco a pouco, nomes conhecidos dos velhos "fans" e de outros de anos mais recentes, vão voltando ao cinema. Agora mesmo, acabei de ler que Carmey Myers aceitou um papel em "Lady for a Night", filme da Republic, ao lado de John Wayne e Joan Blondell. Como os velhos "fans" se

vão deleitar com esta novidade! Carmel era uma das mulheres mais lindas de Hollywood, há mais de quinze ou mesmo vinte anos! Como ainda nos lembramos de seus velhos filmes... que bom que ela voltou!

A última vez que Carmel Myers tomou parte num filme foi em 1934.

Sue Carol, aquela garotinha de cabelo cortado, cabelos muito pretos, olhos grandes, de uma vivacidade enorme, que dançava e cantava o "Let's Do the Breakway", no primeiro "Fox Follies", logo no principio do cinema falado, também decidiu aceitar um papel em "Joan of Paris", o primeiro filme americano de Michele Morgan.

Sue Carol, há anos que vem tratando da carreira de artistas, como agente de negócio. Tanto andou pelos estúdios tratando "de vencer" os seus clientes, que acabou abiscoitando um papel para si mesma.

Outro artista da velha guarda, Clyde Fillmore, está trabalhando em "The Shanghai Gesture", filme que Josef Von Sternberg está dirigindo com Ona Munson, Gene Tierney e Victor Mature nos papéis principais. O camera-man deste filme é o conhecido operador Paul Ivano, que há anos, em 1926, esteve no Brasil fazendo os "tests" dos candidatos ao concurso de beleza e fotogenia da velha Fox, concurso esse que foi ganho por Olympio Guilherme e Lia Torá, os dois brasileiros que estiveram em Hollywood durante alguns anos. Paul Ivano, ainda há bem pouco tempo, esteve de passagem pelo Rio, a caminho de Buenos Aires, onde foi dirigir os trabalhos de montagem de aparelhos cinematográficos para um estúdio do Plata. Paul Ivano é um operador de longo tirocínio em Hollywood e, há muitos anos, foi o fotógrafo de todos os filmes de Alla Nazimova, nos seus dias da velha Metro.



Sra. Chiang-Kai-Shek

Leiam

ILUSTRAÇÃO
BRASILEIRA

Ann Sheridan

Quando se anunciou que Ann Sheridan viria ao Rio, seus fans, que se contam por milhões, prometeram a si próprio que a oportunidade não lhes escaparia, de ver de perto e de render vassalagem à belíssima ruiva de Hollywood.

Ann, entretanto, não veio.

E os fans se vão contentando com as suas lindas fotografias, como esta, em que a vemos numa atitude elegantíssima, e moderna, deliciando-se com o seu cigarro como bem sabem fazer, nos dias de hoje, as mulheres de bom gosto e de hábitos refinados.

Digam francamente: não está linda, a lindíssima Ann?



A tradução brasileira de "glamour..." quantas vezes entre pessoas relacionadas com o cinema já ouvimos esta pergunta? A tradução é difícil, como difícil é tentar definir este predicado, imaterial que Hollywood popularizou. Aí vai uma sugestão, onde entra um pouco de fantasia, mas não deixa de existir um fundo de verdade.

Tradução brasileira de "glamour?" Laura Suarez. E não é por ter vivido longo tempo em Norte América, que sua figura vem logo à imaginação com todos os maticizes sutis da palavra. Laura Suarez sempre foi "glamorous", desde quando estreou no teatro, com a original companhia "Novíssima", onde cantava maravilhosamente "How Long Will It Last?" Se agora nos parece uma tradução mais completa é porque sabe mostrar que ele não é somente brilho de sua beleza, mas também parte de sua personalidade.

Seria Laura Suarez em pessoa, todo esse "refinement" de "glamour" que dá a impressão à distância, na miragem do palco e da tela? Era o que pensávamos, ao esperá-la na salêta de seu apartamento, de uma elegância discreta e perfeita. Uma cabeça em porcelana, flôres, moveis claros, tecidos floridos, um violão, muitos livros — eis o que forma o ambiente que a envolve, dizendo um pouco de seu temperamento de mulher e de artista.

Com uma "toilette" simples acentuando a elegância inconfundível de seu porte alto; com seus olhos imensos franjeados de longos cílios, dando ao rosto uma leve melancolia; com sua serenidade de atitudes e uma finura sem par, a Laura Suarez que nos aparece é bem uma personificação de "glamour". A distinção de seu trato revela uma polidez que não é esmalte artificial, mas parte integrante de sua pessoa, pois não hesitou em sacrificar algumas horas, no lufalufa da partida para S. Paulo e as últimas representações no Rio — afim de nos atender com gentileza e simpatia. Vinhamos apresentados por Waldemar Torres e Laura Suarez sabe ter atenção para com seus conhecidos.

Que prazer conversar com Laura Suarez! Tão fina, tão inteligênte, precisa nas palavras, cheia de espírito e cultura artística. E depois, ela conhece cinema e sabe contar recordações. Lembrem-se de suas

Um detalhe de seu elegante apartamento em Copacabana. A atriz adora viver perto do mar.

crônicas publicadas em "O Cruzeiro", relatando impressões de Hollywood, onde residiu muito tempo? Ela escreveu essas crônicas com o mesmo brilho sedutor e original de sua personalidade. Entretanto, gostaríamos de ouvir ainda essas lembranças de Hollywood e ela sabe fazer reviver algumas — na linda voz que impressiona pelo timbre raro e pela encantadora autoridade.

— Hedy Lamarr, muito preciosa, alegre, de gênio algo infantil... Jeanette Mac Donald, simpaticíssima... Lewis Stone, o mesmo "gentleman" da tela... Chevalier, agradabilíssimo... Cary Grant, traído e sosegado... Joan Crawford que mandou que todos saíssem do palco, mas insistiu, gentilmente, que eu ficasse para vê-la representar uma cena de "Acorrentada". Vi pouco Joan da segunda vez que estive em Hollywood, só numa comemoração no Café Lamaze...

Mas não somente os artistas foram as suas observações em Hollywood. Laura Sua-



Laura Suarez

O violão, ultimamente esquecido. Falta tempo e sobram unhas — diz Laura Suarez.



rez lembra também esse círculo restrito que formam e de onde não gostam de sair, pois fóra dêle não se sentem os mesmos.

— Minhas melhores recordações são os "week-ends" passados na residência de Louis. B. Mayer, presidente da Metro, criatura fina e agradabilíssima como sua encantadora esposa. Aí, por exemplo, conheci várias personalidades da colônia do cinema, como Norma Shearer, muito viva, inteligênte. Resultaram desses "week-ends", a sugestão e o convite da Sra. Louis Mayer para os "tests" que fiz no estúdio da Metro, com cenas de "Mata Hari" e de "He Who Gets Slapped", aquele antigo filme de Lon Chaney, "Ironias da Sorte"...

Lembramo-nos então da sensação causada aqui pela notícia desses "tests", com a probabilidade de Laura Suarez se tornar uma estrela de Hollywood! Mas, exatamente no momento em que tudo deveria se decidir em algo efetivo para uma carreira no cinema americano, pois

os "tests" saíram bons — no momento psicológico poderíamos dizer — Laura foi obrigada a voltar ao Rio, por motivo de séria doença de pessoa de sua família. Que pena! Ela seria, sem duvida, uma grande estrela: falando um inglês impecável, com um tipo raro que sugere Joan e Hedy Lamarr, e uma personalidade fascinante. Mas Laura Suarez não lembra o que passou, com arrependimento. E' outra a sua filosofia.

— O artista deve ser mais egoísta, deve seguir mais a sua ambição, reconheço isto, mas meu feitiço é outro, sou mais sentimental, mais afetiva. Entretanto, não sei me arrepender. Se errei, fica a título de experiência. Acredito que tudo tem o seu momento. As vezes, os acontecimentos ficam como prenúncio para o futuro — e se tiver que ser, virá mais tarde.

Não somente na Califórnia viveu Laura Suarez — essa Califórnia que ela descreve como "um lugar encantador, de natureza e clima muito semelhantes ao nosso... de vida informal, informalíssima... e de distâncias imensas..."

— Em New York trabalhei muito no rádio, cantei na N. B. C. três vezes por semana, além de atuar aos domingos no Magic Key, um lindíssimo programa. Fui a primeira a cantar o ritmo da musica brasileira no rádio americano. Uma das melhores recordações de New York, é a do encantador baile realizado no Hotel Pierre, em Novembro de 1938, festa de aproximação dos americanos do norte e do sul, com a presença do que há de mais representativo no mundo

new-yorkino, na diplomacia, etc. Vesti uma fantasia de baiana, apresentando pela primeira vez esta nossa indumentaria em New York — e ensinei o ritmo de música a um grupo de rapazes e moças da alta-sociedade, que dansaram o samba... Também nessa festa conheci Serger Lifar, nessa ocasião em New York a convite do Ballet Russe, e ensinei ao celebre bailarino os passos de nosso samba.

New York! E' natural que apenas a recordação a faça sonhar. Confessa que sente vontade, às vezes, de dar uma fuga até a Broadway, ao menos para assistir às novas peças. Não imagina o que é o teatro em New York — diz ela, fixando-nos seu olhar extraordinario. O teatro new-yorkino com seu alto nivel, a fascina, sem diminuir sua simpatia pelo nosso, dentro da relatividade a que tudo deve obedecer. A grande variedade de peças de primeira ordem, as temporadas repletas de espetaculos novos e maravilhosos — tudo é palpitante para quem ama o teatro como Laura Suarez. Ela gosta de falar sobre três grandes figuras da Broadway, de sua predileção:

— Ethel Barrymore, admirável de arte e autoridade; Gertrude Lawrence, cuja finura e vivacidade o cinema não reproduz, assim, como Helen Hayes que no palco é algo simplesmente indescritível!

Uma entrevista
de Jaques.

se dizer, nasceu no teatro. Adoro trabalhar no palco, apesar da vida muito escravizada que leva a artista. Não, não chega a haver uma questão de preferencia entre o canto e a representação. Cantar é para mim algo instintivo, como respirar e falar — mas a representação proporciona uma satisfação mais completa ao artista, a mim particularmente, porque fiz em New York um longo e completo curso drâmatico, na celebre escola de John Hutchins. Esta temporada deu-me a oportunidade de aplicar o que aprendi.

Foi, portanto, uma realização artistica esta sua reaparição na comédia. Seria



1 foto Willenski
1 José
3 Horacio.

o problema apresentado deve ser um conflito psicologico que tenha significado atual. Aprecio tambem a comédia e, muito, Rosalind Russell. Ela e Claudette Colbert são as duas melhores comediantes modernas, não acha?

Laura Suarez falou-nos então de Buenos Aires, onde cantou no rádio. Sobre o cinema...

— Tenho, mesmo, nas mãos de meu advogado, um contrato com a Lumiton para um filme argentino. Com a morte de Florencio Parravicini a filmagem ficou paralisada, pois o filme girava todo em volta desse malogrado ator. Mas creio que de um momento para outro, terei novidades sobre o assunto. Sim, o cinema argentino está em enorme progresso, tem muitos recursos técnicos. Entretanto, sou de opinião que ele não possui a nossa sensibilidade artistica.

As palavras de Laura Suarez sobre o nosso cinema, são ditas num tom de profunda convicção, que mostra a sua sinceridade:

— Creio na sua realidade. Meia duzia a mais de idealistas como Ademar Gonzaga e o cinema brasileiro está garantido. Desejaria, porém, no público, menos preconceito e má vontade para com as tentativas brasileiras. A pessoa que não vai ao cinema ver o filme apenas porque é brasileiro, ou vai com a intenção preconcebida de criticá-lo — não póde reclamar se não temos cinema... Temos tudo na parte artistica para realizar o bom cinema — havendo capitais, o que impedirá?

— Sabemos que tem acentuada predileção pela música?

— De fato. Admiro toda música dentro do seu ciclo. A grande música, naturalmente, transmite-me emoção maior: Wagner, todos os russos modernos e antigos, Tchaikowsky,

(Termina no fim do número).



Em "24 Horas de Sonho".

A leitura, uma das suas paixões.

Tradução brasileira de "glamour"

Esta longa permanencia de Laura Suarez no estrangeiro, responde às perguntas que sempre fazia o público — porque, sendo ela um elemento de valor artistico, não era aproveitada em nosso teatro e cinema? A ausencia talvez desanimasse os produtores — Laura Suarez compreende isto.

— Essas continuas viagens sacrificaram um pouco minha carreira. Acho, agora, que deve me concentrar para realizá-la melhor; devo parár mais no Rio. Mas não posso me queixar, tive compensações, estudei, vi muito e muito aprendi. E senti sempre a alegria nova de voltar ao Rio, que adoro.

Hoje, já fixa no Rio, tivemos três exemplos de suas variadas expressões artisticas: um belo concerto, onde nos deliciou cantando a ária de "Orfeu". Um papel burlesco feito com espirito e elegância no filme "24 Horas de sonho", a prova do que póde em cinema sua fotogenia e seu talento, bem aproveitados. E, finalmente, um brilhante triunfo no Teatro Casino Copacabana. Sua impressão sobre essa temporada na comédia é a melhor possível.

— E' um prazer trabalhar com Roulien, realizador de muito gosto, completo homem de palco que, póde

tambem a qu elhe deu maior emoção? Laura fica indecisa — há um momento de silêncio, enquanto pensa. São outras as grandes emoções artisticas:

— A interpretação que fiz de "Dark Victory", a bela peça vista no cinema com Bette Davis, quando encenada no curso de John Hutchins, para um público restrito. E tambem a apresentação de "Arsène Lupin", um delicioso "sketch" de Henrique Pongetti, que eu mesma traduzi e interpretei numa irradiação com Allan Ladd, jovem ator de talento e voz estupenda (devo dizer que sou alergica a vozes). Allan Ladd tem, aliás uma história curiosa, é um desses casos inexplicaveis de Hollywood. Ele subiu muito, com rapidez, para cair como subiu. Deve tê-lo visto num pequeno papel em "A Conquista do Atlântico", com Douglas Fairbanus. Fiquei contente em revê-lo em "Capitão Cauteloso", onde já teve um papel mais significativo.

No cinema, além de "24 Horas de Sonho", o repertório de Laura inclui uma breve aparição em "Céu Azul", dois "shorts" feitos em Long Island: um da RKO, outro da Universal. Sente-se que nada disso deve ter satisfeito à atriz completa que é Laura Suarez.

— Eu desejaria interpretar papeis fortes e intensos no genero de Vivien Leigh ou Margaret Sullavan. Nada histórico. Tenho horror ao filme biografico. Isto é, a história póde se desenrolar há 10 ou 20 anos, mas

CINEMA DE PORTUGAL

(DE J. A. DE C., CORRESPONDENTE DE "CINEARTE")

AUTÊNTICOS PESCADORES NO NOVO FILME DE LEITÃO DE BARROS, "ALA ARRIBA"



O ano de 1941 está sendo um dos mais animados da indústria do Cinema Português. Apesar — de até agora só um filme ter sido apresentado — "Porto de Abrigo" — a atividade tem sido, no entanto, intensa. Claro está que esta "atividade intensa" é relativa . . . Mas num país onde a média anual de produção é de um a dois filmes, olhando-se para o que se está a produzir na presente ocasião, não podemos deixar de sentir-nos um tanto entusiasmados. Ainda recentemente demos notícias do número total de produções em realização nos estúdios e laboratórios portugueses, número que anda á roda duma dezena entre grandes documentários e filmes de entrecho.

E' a êstes últimos que nos vamos referir sobre o andamento dos seus trabalhos, em vias de conclusão, dando ainda á estampa algumas fotografias de cenas dos mesmos.

"Lobos da Serra" é, como já sabem por anteriores referências, um filme da direção de J. Brum do Canto e que tem como intérpretes principais Maria Domingas e Antonio de Souza. Todas as filmagens, interiores e exteriores, foram já terminadas e presentemente o seu realizador ocupa-se da "montagem", tudo fazendo prevêr a sua estréia nos primeiros meses da nova temporada que terá começo em Outubro próximo.

"Ala Arriba" (vida e morte dos pescadores), é outro filme cujas filmagens se acham também acabadas. O seu realizador, que é Leitão de Barros, vai consagrar-se também á "montagem" do filme para que o público o possa apreciar antes do fim do ano, também. "Ala Arriba" vai reviver na t'ela a vida dos pescadores da Póvoa de Varzim há cerca de umas boas dezenas de anos. Coisa interessante, nesta película do realizador de "A Severa", é que todos os intérpretes, que representam as personagens da história, são autênticas. Foram arrancados ao meio onde decorre a acção do filme. São figuras humanas,



CENA DE "LOBOS DA SERRA", COM SANTOS CARVALHO, ANTONIO DE SOUZA, MARIA DOMINGAS, CARLOS OTERO E MARIA EMILIA, O NOVO FILME DE JORGE B. DO CANTO

verdadeiras, escolhidas entre a gente da pesca, a representar para a t'ela, embora com pouco de fantasia, a sua própria vida. Assim, é um casal de pescadores, ambos com magnífica figura, que têm a seu cargo as duas principais figuras de "Ala Arriba".

Enquanto que "Ala Arriba" e "Lobos da Serra" sofrem as operações finais de acabamento nos laboratórios, Antonio Lopes Ribeiro trabalha afanosamente dirigindo as filmagens duma nova comédia intitulada "O Pai Tirano", de que são intérpretes Vasco Santana, Ribeirinho, Graça Maria (esta é a Maria da Graça que se estreou em "Porto de Abrigo" e que por conveniência trocou o seu nome), Artur Duarte, Armando Machado e Leonor Maia, uma estreante.

A história desenrola-se na capital e deve constituir uma das mais divertidas do cinema português.

"O Pai Tirano" será realizado em muito curto espaço de tempo, pois a sua estréia deve ter lugar nos primeiros dias da nova temporada próxima.

E a seguir, Antonio Lopes Ribeiro dará começo a uma nova película que terá por título "O Pátio das Cantigas" e para qual foram dados já começo a certos trabalhos de preparação.

Fala-se também da realização, como certa, e para breve doutro filme a ser interpretado unicamente por crianças, sob a direção de Manuel de Oliveira e com fotografia de Antonio Mendes, que foram os reali-

zadores do magnífico documentário português executado e exibido há anos com o título "Douro Faina Fluvial".

E Leitão de Barros, depois de "Ala Arriba", é muito possível que se lance na produção de "Maria da Fonte" idéia que mantém há muito e para a realização da qual tem já filmadas algumas cenas no "cenário" do Bairro Comercial, da Exposição do Mundo Português.

Como se vê, o Cinema Português está tomando um incremento notório.

E não falamos aqui dos documentários, alguns de grande metragem, que estão prontos ou que estão a ser produzidos.

—:—:—

A Viagem do Chefe do Estado ao Arquipélago dos Açores, acontecimento de relevo mundial, que teve lugar nos meses de do da Propaganda Nacional.

Julho-Agosto, foi filmada pelo Secretariado A-fim-de de ser realizado um grande documentário focando a visita do Sr. General Carmona ás nossas ilhas, o experimentado operador Manuel Luiz Vieira, que sendo ilhéu conhece bem os Açores, foi incumbido de manivelar alguns milhares de metros de película registando as diversas passagens da grandiosa e apoteótica viagem do Presidente da República Portuguesa.

E' mais um documentário nacional a juntar ao número daquêles que mencionamos na nossa "correspondencia" anterior.



15

CARMEN



dade e intercede a seu favor, como se ela fosse uma criatura miserável e necessitada. O Dr. Segert analisa-a com olhos de profissional, se interessa pelo rosto desfigurado. Que diria ela á tentativa de uma operação? Anna Holm não hesita. Com enorme coragem, submete-se á primeira intervenção cirúrgica, depois á segunda, a varias outras... E um dia, quando depois de retirar as ataduras, o Dr. Segert lhe apresenta um espelho, Anna Holm tem a maior emoção de sua vida. O cristal refletia um verdadeiro rosto de mulher, um novo rosto de radiante beleza, a nova Anna Holm!... Assim mudou a mascara d'aquela mulher... mas teria mudado sua alma? Qual seria a sua reação ao enfrentar um novo mundo, completamente desconhecido para ela? Mundo em que o desprezo se transformaria em admiração, a piedade em amor? Quais seriam os sentimentos d'aquela criatura que odiava os outros, retribuindo a repulsa que todos sentiam por ela? Pouco a pouco, tal qual uma pessoa renascida, Anna Holm vai compreendendo muitas cousas... Barring, por exemplo, o homem que um dia se aproximára com simpatia e afeição, o homem que ela amava — não é sómente um "chantagista", mas um covarde assassino, cujo único interesse nela é motivado pelo cálculo e o egoísmo. Barring planeja, com o auxílio de sua cúmplice, eliminar o garoto Lars Erik, (Richard Nichols), pois com sua morte será êle, Barring, o único herdeiro de uma grande fortuna... Anna tudo isto reconhece, mas ainda não tem forças para se libertar de seu dominador e concorda com a execução do sinistro plano. Até hoje, ela só recebeu o desprezo do mundo, deve portanto matar, porque deve tirar a sua vingança... Barring consegue que a cúmplice seja contratada como governante na luxuosa mansão de sua família. Todos recebem-na bem, todos com



UM

O tribunal está reunido para julgar Anna Holm, (Joan Crawford) acusada do assassinato de Torsten Barring (Conrad Veidt)... As testemunhas desfilam e numa série de narrativas, contam-nos a história de "um rosto de mulher"... o rosto impressionante de Anna Holm... desfigurado por uma queimadura sofrida na infância, êle causava horror a todos os que o viam... Desde pequenina, Anna Holm sentiu o desprezo do mundo e viu todas as pessoas fugirem de seu lado, num movimento de terror. Com o decorrer do tempo, esta cicatriz exterior deixou marca em sua alma. Um surdo protesto contra a humanidade foi crescendo no espírito de Anna. Ela invejou e odiou seus semelhantes; não hesitou em levar uma vida de cálculos desonestos e em plena juventude vamos encontrá-la como "chantagista", escondendo, porém, suas extorsões, como proprietária de um elegante hotel onde pessoas da alta sociedade procuram refúgio para segredos inconfessáveis. Foi aí que, um dia, Anna Holm

conheceu Torsten Barring, a primeira pessoa que não se afastou dela, que a fitou nos olhos sem um gesto de repulsa. Barring é uma criatura solitária e misteriosa, um homem sem escrúpulos que também vive de "chantage". E vendo que Anna poderia ser uma ótima cúmplice, aproximou-se da infeliz.

Pela primeira vez em sua vida, um homem não se assustou com seu rosto, esse homem lhe falou de amor... E Anna se enamorou de Barring, associando-se fácilmente aos planos criminosos do aventureiro. Já cumprindo o seu pacto de cumplicidade, ela vai á residência de Vera Segert, (Osa Massen), propor a venda de cartas comprometedoras que lhe destruiriam a vida conjugal se fossem lidas por seu marido, o celebre cirurgião Dr. Segert, (Melvyn Douglas). Antes de conseguir o seu intento, que é receber a soma elevadíssima que péde pelas cartas, chega o Dr. Segert, que julga ser Anna uma ladra. Não podendo denunciá-la ao marido, Vera simúla pie-



exceção da criada Emma, (Marjorie Main), que desconfia de Anna . . . O encontro da nova governante com o pequeno Lars, é o primeiro sinal da transformação que se dará naquela alma de mulher. Lars Erik, que nunca tivera um carinho maternal, dirige-se para ela com toda sua ternura infantil, acaricia com suas mãosinhas, aquele rosto antes mutilado. Um sentimento novo se apodera do coração de Anna . . . mas continua odiando o mundo, pois o homem que ama lhe ordenou que matasse . . . Com o decorrer dos dias, continuam as descobertas no ambiente novo em que vive. E' impossível dominar os sentimentos e ela começa a amar o pequeno Lars, com afeição maternal. Todos na velha mansão, principiando pelo velho consul Barring, (Albert Bassermann), lhe sorriem com simpatia, tratam-na com o maior respeito. Suas idéias de vingança vão pouco a pouco desaparecendo. Apenas ao pensar em Barring, volta ela ao antigo estado de espírito. Mas, curioso, a figura do cúmplice não lhe vem a memória com tanta frequência . . . Tudo vai ficando longe, esquecido. Outra fisionomia masculina se esboça na sua lembrança: é a do Dr. Segert. Afinal, o mundo não era tão mau como ela julgava! A vida também traz sorrisos e Anna é agora uma criatura feliz. Mas Torsten Barring volta! Festeja-se o aniversário de Lars e de seu avô, o consul Magnus. A velha mansão se enche de convivas. Barring está entre eles e Anna bem sabe porque voltou. Vem exigir o cumprimento da promessa, vem exercer de novo o seu poder maléfico. Ela advinha as palavras que êle dirá, quando estiverem a sós: "deves matar o menino em tal dia . . . Como de costume, Anna sairá com o garoto, para o passeio matinal. Ela subirá, com Lars, no funicular e quando passarem sobre a cataráta, deverá fazer com



DIREÇÃO DE GEORGE CUKOR. PRODUÇÃO DE VICTOR SAVILLE. ADATAÇÃO DE DONALD OGDEN STEWART E ELLIOT PAUL, DA PEÇA DE FRANCIS DE CROISSET, "IL ETAIT UNE FOIS . . ." JA' FILMADA NA FRANÇA COM GABY MORLAY E NA SUÉCIA COM INGRID BERGMAN.



ROSTO DE MULHER

(WOMAN'S FACE)
FILME DA M.G.M.

que o menino se precipite nas águas. Dirá, depois, que foi um acidente. Ninguém suspeitará dela, pois é bastante estimada no lar dos Barring . . . Anna obedece, pois é quasi um automato nas mãos de Torsten. Com êle surge sempre o seu passado e com este passado, seu velho ódio, seu espírito miserável e humilhado . . . Entretanto, outra personagem intervem neste drama íntimo. Entre os hospedes do Consul Barring, está o Dr. Segert, recen-divorciado de sua esposa. O médico fica surpreso ao encontrar a nova Anna Holm, tão di-

(Termina no fim do número)





ORSON WELLES

DOROTHY COMINGORE do "Cidadão Kane"

Dorothy Comingore é a artista que Chaplin descobriu num grupo de amadores teatrais, na cidadezinha de Carmel. Por causa disso, ela está hoje em Hollywood e é uma das sensações da temporada, com o seu trabalho ao lado de Orson Welles no extraordinário "Cidadão Kane" — trabalho esse difícil, mesmo para a mais experiente veterana.

Entre a descoberta de Carlito e o papel no filme de Welles, muita coisa aconteceu, incluindo revezes, desilusões, o bastante para levar de volta a Carmel e aos amadores, qualquer outra pequena menos enérgica e decidida. Mas não é atôa que Dorothy possui aqueles cabelos de um vermelho brilhante e aqueles enormes olhos côr de avelã! São sinais de força de vontade e obstinação — e assim, ela ficou, chamou de um nome um estúpido produtor, saiu de um estudio a convite, e de outro por vontade própria.

A Warner Brothers foi sua primeira tentativa em Hollywood. Quando os jornais fizeram grande publicidade sobre a "nova descoberta de Charles Chaplin", o estudio mandou buscá-la em Carmel. Mudaram seu nome para Linda Winters e deram-lhe uma série de "maillots", que a joven artista usou numa infinidade de fotografias de publicidade. Mas Dorothy queria papéis nos filmes e sua idéia era trabalhar diante das cameras — e não posar para retratos...

Ela foi tentar a "chance" na Columbia. Mas a princípio conseguiu apenas mostrar as mãos, nos filmes. Aquelas mãos finas e bem feitas (que por sinal também aparecem muito em "Cidadão Kane") foram usadas nos "close-ups" de vários filmes, substituindo as mãos de outras estrelas. Depois vieram

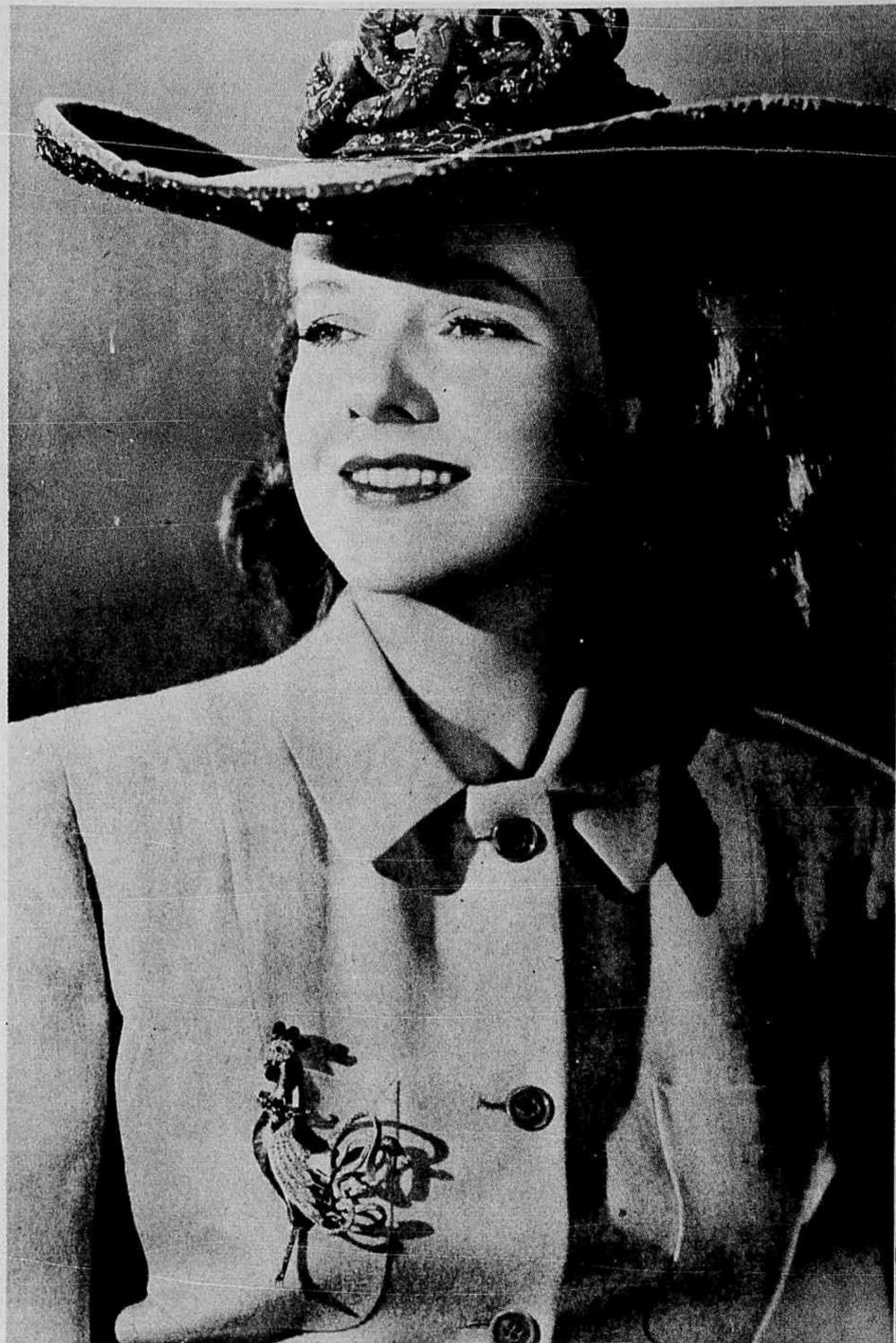
papeisinhos em fitinhas do segundo "team". Como Linda Winters, ela apareceu em "Café Hostess", numa das fitas de "Blondie", etc.

Aí então, um amigo de Orson Welles falou em Dorothy, ao ator, que começava o seu filme. Welles convidou a joven artista para "tests" de "Cidadão Kane". O papel pedia uma mulher envelhecida, embriagada, e Dorothy assim se caracterizou. Os "tests" foram tão bons, tão perfeitos, que Orson Welles não os refilmou para o filme. Foram usados assim mesmo em "Cidadão Kane" e são aque-

les que mostram Susan Alexander contando sua história ao jornalista.

De novo com seu nome verdadeiro, Dorothy Comingore, ela interpretou o papel com todo o talento que tem — e foi um dos valores desse grande filme.

Dorothy é uma das raras atrizes de Hollywood, nascidas realmente na Califórnia. Sua cidade natal é Los Angeles. Aos 9 anos, entretanto, sua família mudou-se para Oakland, on-



de a joven estudou e cursou um ano, a Universidade da Califórnia. Um interessantíssimo emprego, como chefe de departamento artístico do Museu de Taos, levou-a ao estado de Arizona. Aí, Dorothy conheceu muitos artistas, pintores, escritores, entre os quais D. H. Lawrence, cujas obras tinha lido nos tempos de escola. Apesar de ser uma cidade pequena, Taos tinha um meio artístico verdadeiramente cosmopolita. O próximo emprego de Dorothy foi como apresentadora de uma galeria de pintura e arte, perto de Carmel. Os artistas que enchem esta cidadezinha de veraneio, em breve descobriram a figurinha bonita de Dorothy. Ela posou para vários pintores e fotógrafos. Daí para o teatro de amadores, foi um puio. Chaplin, passando algumas semanas de descanso em Carmel, descobriu na joven amadora, uma futura estrela de Hollywood.

Dorothy acha que tudo lhe acontece em Maio. Foi num deles que estreou no teatro, foi noutro que se casou com o escritor Richard Collins e no Maio seguinte, quando começava a trabalhar no filme de Orson Welles, descobriu que receberia a visita da cegonha. Hoje, Dorothy Comingore divide seu tempo entre seu filhinho e as lojas de antiguidades, pois está mobiliando a seu gosto, a nova casa que seu marido comprou num dos Vales perto de Hollywood. E' louca por antiguidades e gatos angorás.

Aí está um pouco de Dorothy Comingore, uma das revelações do "Cidadão-Orson Welles-Kane"

DOROTHY E ORSON WELLES NUMA CENA DE "CIDADÃO KANE".





DE vez em quando, no meio dessa vida estranha e emocionante que tem sido a minha, desde que me deram um papel em "Revoada das Aguias" e me tornei parte de Hollywood — eu páro e pergunto: "Ronnie, é mesmo você? E fico admirada, não tanto por estar no cinema depois



de tanta luta e tentativas sem êxito — mas sim porque foi quando eu desisti de tudo, que obtive o sucesso, há muito desejado. Sim, houve época em que eu dizia a mim mesma: "Ronnie, você é tóla. O preço do que deseja, é muito alto. Desista. Esqueça tudo isso!" Foi o que fiz. Ai, então, o sucesso me procurou, Hollywood veio ao meu encontro! As cousas são assim, às vezes. Só obtemos o que desejamos, quando esquecemos, quando não mais nos preocupamos. Mas por algum tempo eu me preocupei. Durante dois anos e meio, eu desesei e lutei. E por causa disto, fiz sacrifícios — não de dinheiro, talvez, mas de felicidade e socêgo de espirito. Sofri embaraços e vergonha. Passei por situações que desejaria poder esquecer. E' a história dessas experiências que eu gostaria de contar hoje. Talvez outra pequena possa aproveitá-las. Talvez seja uma lição e outra pequena possa decidir, como eu fiz afinal, que a luta não vale tanto. Posso dizer, com tristeza, que ela não vale, quasi sempre... A verdade é que o meu próprio caso parece contradição ao que digo — mas é apenas parecência. Eu tive meus sonhos, minhas ambições, minhas esperanças — mas perdi tudo. Agora, se a vida me surge maravilhosa (e ela é) a carreira no cinema não é o único motivo, nem mesmo o principal. Há outro, mais significativo, melhor. Mas estou me adeantando na história. Isto vem mais tarde... Nasci em Lago Placid, New York, e meu pai é H. A. Keane, desenhista comercial. Papai e Mamãe são dessas pessôas para quem uma filha representa mais do que uma simples criança para criar — é uma nova amizade, para ser tratada com verdadeiro carinho e grande compreensão. Eles nunca me mandaram calar a bôca, quando eu fazia perguntas embaraçosas,

Veronica e o diretor Preston Sturges durante a filmagem de "Sullivan's Travels".

EU QUASI

como todas as crianças fazem. Respondiam-me sinceramente, seriamente. Não me ensinaram as noções do bem e do mal, com um dôce de recompensa por eu ser bôazinha, ou palmadas como castigo por ser má. Em nossa casa, presumia-se apenas que, se nos estimavamos e nos respeitavamos, seríamos todos bons. Ninguém ofenderia ou faria o outro sofrer, nada de má seria feito. Talvez isso pareça muito afastado de minha narrativa, mas não é. Pois quando nos mudamos para a California e entrei em contacto com o mundo artistico, tentando a "chance" no cinema, esse ambiente familiar de afeição e confiança, deu-me um forte ponto de apoio. E eu precisei dêle, certas vezes. Por exemplo, em casos como o seguinte. Logo que comecei a minha perseguição ao sucesso no cinema, sugeriram-me que contratasse um agente. Foi o que fiz. Naturalmente, eu não pude contratar um agente importante e influente, porque era uma desconhecida e principiante. Mas afinal consegui um e êle me disse que a primeira cousa a fazer, na campanha para conquistar Hollywood, era ser vista em toda a parte. "Vá a todos os lugares em que possa dar na vista, procure chamar atenção", aconselhou êle. Mas como eu era quasi uma estranha em Hollywood, a questão de conseguir alguém para me acompanhar, foi um problema. Finalmente, Mamãe sugeriu um certo rapaz elegante, que eu conhecêra logo depois de minha chegada, que parecia muito fino e relacionado com todo o mundo. Êle me convidava sempre para sair, eu agradecia e recusava. Entretanto... "Já que é tão persistente, porque não sáis com êle? Não te fará mal nenhum" — disse Mamãe. Sai, mas não me diverti muito! Êle era um rapaz um tanto gordo, barulhento, desses que chamam você de "Baby" e estão sempre querendo abraçá-la. Oh, sim, de um modo muito paternal, muito protetor!

Havia sempre uma desculpa para o braço em volta dos ombros — ele estava me ajudando a vestir o "manteau". Segurava sempre em meu braço... para atravessar a rua. Em tudo, não havia uma só evidência de más intenções... entretanto, eu não me sentia muito à vontade na companhia dele. Mas estávamos sendo vistos — e meu agente se mostrava encantado. Iamos ao circo, por exemplo, meu conhecido me apresentava a produtores e diretores, como, "esta garôta vai ser uma sensação". Eles olhavam-me sem o menor interesse, às vezes até com pouco caso — e eu me sentia como um macaco no Jardim Zoológico. Uma vez ou outra, um produtor se mostrava interessado e eu julgava estar conquistando a "chance". Mas em breve descobria que o interesse dele e o meu — eram duas cousas diferentes. Eu procurava esclarecer logo a situação. E depois de tudo esclarecido, o tal produtor desaparecia no horizonte. Eu voltava para casa, triste e humilhada. Entretanto, como não estava disposta a desistir, dizia comigo mesma: meu agente está certo, ele sabe o que faz... Um dia, porém, fui obrigada a dar o ponto final no meu cavalheiro, depois de um incidente desagradabilíssimo, que, apesar de acontecido há muito tempo, ainda é pesadêlo para mim. Não sei como sai do casino, deixando o tal rapaz embriagado, a cabeça caída sobre a mesa. Lembro-me apenas como me senti, voltando sózinha num taxi. Senti vontade de terminar com Hollywood, desistir de tudo, imediatamente. Mas sou dessas criaturas de boa fé, que não vêm as cousas logo de uma vez como são. Por isto, me contentei em jurar a mim mesma que nunca, nunca mais, sairia com outra pessoa, sómente para ser vista. Nunca mais saí — verdade seja dita. Esta resolução, porém, não facilitou muito minha futura carreira. Na verdade, eu tive que ser mais persistente do que nunca, obedecendo às entrevistas marcadas pelo meu agente com os diretores de "casts", tentando falar com inteligência e desembaraço, tentando ocultar minha inexperiencia, procurando parecer "glamorous", individual, cheia de sucesso. Não sei bem como! Obtive finalmente dois "bits": um em "Sorority House", da RKO — e outro num filme da família Jones, da TC-Fox. Acho que ninguém, nem mesmo os diretores, sabiam que eu estava no filme. Então, certo dia, fui mandada a Metro para o que chamam "entrevista coletiva", relacionada com a filmagem de "Mãe eu quero". No meio



Veronica e William Holden em "A revoada das aguias". Veronica — para a beleza classica, Lake — para algo frio e refrescante — disse Arthur Hornblow, quando crismou Constance Keane, descoberta para o filme acima.

DESISTÍ!

Há muita cousa triste oculta sob o sucesso de uma nova artista — conta Veronica Lake.

de mais de 100 outras pequenas, fiquei numa plataforma baixa, enquanto diretores, assistentes, etc., 15 homens ao todo, nos inspecionavam. Senti o sangue me subir ao rosto. Senti vergonha e uma vontade louca de fugir dali, fugir de Hollywood e nunca mais voltar. Mas bem quando estava pensando isso — soube que fôra uma das escolhidas. Suponho que isto seja o destino... Não muito tempo depois de "Mãe eu quero", ter sido feito, meu agente mandou-me falar a um certo produtor, que preparava um novo filme. Não citarei o seu nome, nem o do seu estúdio. Mas ele saberá muito bem, quando lêr isto. Mãe foi comigo, nesse dia. Quando eu fui chamada ao seu escritório, entretanto, ela ficou na sala de espera. Bem, isto pôde parecer imaginação — mas é a pura verdade! Eu não estava há 5 minutos no escritório, quando ele começou a fazer investidas. Não investidas sutis, como propostas e galanteios. Ele se dirigiu a mim, exatamente como um bandido de fita em serie! Lembro-me apenas que ao chegar ao canto do escritório, para onde recuára, resolvi chamar: "Mãe!" "Mãe!" Ela entrou, correndo, como um pequeno ciclone. Mas ao vê-la entrar e sabendo-me salva, recuperei a calma e a presença de espirito. "Mãe, quero apresentar-lhe Mr..." E não imaginam que vontade louca de rir tive eu, ao vêr o amoroso Mr... mudar de procedimento e apertar a mão de Mãe. Conversamos (oh, tão agradavelmente durante alguns minutos e depois saímos. Mas saímos sem (é preciso dizer?) o ambicionado papel no tal filme. De

volta para casa, rimos muito do incidente, mas mesmo rindo eu pensei de novo: uma carreira no cinema vale tudo isso, todas essas situações embaraçosas e humilhantes? Entretanto, foi um caso bastante diferente que, finalmente, me fez desistir do cinema. Foi um "test" que fiz na Metro, com os resultantes acontecimentos. Durante a filmagem de "Mãe eu quero", conheci o diretor de "tests", Fred Wilcox — e Lillian Burns, professora dramática do estúdio. Ambos gostaram de mim e demonstraram grande interesse. Tão grande, na verdade, que insistiram em fazer um "test" meu, sacrificando muitas horas do seu precioso tempo, afim de me prepararem para o mesmo. Escolheram uma cena da peça inglesa, "Springtide", e me ensaiavam de dia e de noite, sempre que tinham algumas horas livres. Não é admiração, portanto, que feito o "test", o resultado fôsse bom. Esta opinião não é minha, é a deles. Lillian e Fred ficaram extasiados com o "test". "Você terá um contrato, você será uma estrela!" disseram, cheios de júbilo. Sentiam-se tão felizes por minha causa como se fôsse a carreira deles mesmo. Eu também estava radiante, não sómente pela perspectiva do próximo sucesso, mas também por ter encontrado dois amigos maravilhosos — "Hollywood, afinal, é um lugar esplendido"... pensei eu. Mas pensei cedo demais. Porque, apesar dos dirigentes da MGM gostarem de meu "test", houve, um certo senhor, muito poderoso na direção do estúdio, que não gostou: "Essa lourinha aí, há dezenas iguais em Hollywood. Fôra". E assim, Louis B. Mayer, o diretor da MGM, nunca chegou a vêr meu "test". Eu pensei, amargamente: "Assim é Hollywood, a verdadeira Hollywood. Você trabalha e luta. Seus amigos ajudam, sem fadiga, sem egoísmo — e um homem apenas, arruína tudo isto. Pois muito bem, eu nada mais quero. Nada disso trás felicidade. Para mim, chega!"

Mas o destino é estranho e inexplicavel. Algumas semanas depois, meu telefone tocou. Era o conhecido agente Murray Feil. Meus bons amigos, Freddie e Lillian, tinham lhe mostrado o meu test. Arthur Hornblow, produtor da Paramount, vira-o

também e queria que eu fizesse uma prova para "A Revoada das Aguias". Murray Feil pedia que eu fôsse a Paramount, o mais cedo possível!

Ao receber o telefonema, eu estava preparando meu cabelo para um "shampoo". Não tive tempo de tirar o óleo, enrolei apenas um turbante na cabeça, passei um pouco de "baton" nos lábios e apresentei-me no estúdio, onde Murray Feil apresentou-me logo a Mr. Hornblow. Ao assinar meu contrato, o óleo começou a escorrer do turbante, pelo rosto. Todos nós, rimos. E aí está a história como quasi desisti de minha carreira, ou por outra, como desisti, realmente, e o que aconteceu em seguida. Depois de me ter contratado, a Paramount quis me transformar em "Glamour Girl". É preciso preparar o público para a sua estréia na tela — disseram eles. Mas meus planos eram outros. Há vários meses, eu era noiva de John Detlie, diretor artistico da Metro. E um dia, antes de começar a filmagem de "Revoada", casamo-nos. Meus patrões ficaram seriamente zangados. Como apresentar ao público uma "glamour girl" que era, na realidade, uma tranquila e domestica esposa? Mas fiz com que eles compreendessem o meu ponto de vista. "Se eu estiver bem no filme, creio que o público se interessará por mim de qualquer maneira. Caso contrario — que importa?" Darei o melhor de meu trabalho a qualquer papel, a qualquer filme designado pelo estúdio. Estudarei, serei obediente e pontual, escutarei as ordens do diretor. Mas reservarei também algum tempo para o meu lar. Sei que a fama é inconstante e passageira. Sei que ela ilude e faz sofrer... assim como sei que a felicidade minha e de John, nosso amôr, nossa camaradagem, nossa confiança, durarão sempre, se soubermos lhes dar valor. Sim, espero ter ao mesmo tempo, uma carreira e toda a beleza que o casamento pôde proporcionar. Espero ter em "Sullivan's Travels" o mesmo sucesso que, segundo dizem, eu tive em "Revoada das Aguias". Mas se não tiver, isso, não me fará sofrer. Já tive sonhos sobre Hollywood. Não os tenho mais. Nunca mais me preocuparei com o que Hollywood pôde ou não pôde me dar. Guardarei todo interesse e toda atenção, para meu lar e meu marido.

UMA EXPRESSÃO DO SEU
CÉLEBRE PEPÉ-LE MOKO



apareci com Mistinguett no "Folies Bergère" e em breve tinha ofertas de vários produtores e empresários de Paris.

A sua carreira nascente foi interrompida pelo chamado para o Serviço militar. Jean preferiu servir na Marinha e ao sair com o certificado, estava com a mania de viajar pelo mundo afóra. Eis porque ingressou numa companhia de operetas e fez uma longa "tourné" pela América do Sul. De volta a Paris, Jean Gabin decidiu tentar o teatro dramático e fez grande sucesso com "Arsene Lupin", "Banquier". Logo depois desta peça, o cinema francês o procurou e êle começou a carreira que o levaria a triunfos como "O Demônio da Argéria". É interessante notar que o papel principal deste filme, "Pepé-le Moko", fôra oferecido a Charles Boyer e sómente quando este ator o recusou, Gabin foi procurado. Quando Hollywood comprou os direitos da história para refazer o filme, Gabin foi convidado a repetir o seu papel na versão americana, mas recusou a oferta, como já recusára anteriores.

JEAN GABIN E PIERRE RENOIR
EM "RECIFE DE CORAL"

JEAN GABIN



EM "A BESTA HUMANA", COM SIMONE SIMON

JEAN GABIN nasceu em Paris, em 17 de Maio de 1904, o mais jovem de 6 filhos de um comediante de music-hall, que se chamava simplesmente "Gabin". Quando Jean era ainda criança, a família se mudou para a cidadezinha de Montataire, perto de Paris. E na vida campestre, Jean desenvolveu o físico atlético de hoje. Seu pai esperava que Jean trabalhasse com êle no Café Concerto, pois Jean tinha boa voz e mímica muito expressiva. Mas Jean tinha vocação mais prosaica e aos 13 anos, quando Gabin incluiu o filho num programa de "vaudeville", o garoto fugiu do colégio e se empregou numa fábrica de cimento em Paris. Depois passou a aprendiz de mecânico nas fábricas de autos Renault, onde ficou dois anos. Aos 17, quan-



COM BRIGITTE HELM EM "ADIEU LES BEAUX JOURS"

do voltou para casa, estabeleceu o direito de escolher a própria carreira. Mas Papai Gabin ainda tinha o seu velho sonho e, um dia, persuadiu Jean a acompanhá-lo ao escritório do "Folies Bergère" — e quando o "manager" lhe ofereceu um pequeno papel numa revista, com um ordenado muito superior ao que ganhava como mecânico, Jean aceitou, principalmente para agradar a seu pai.

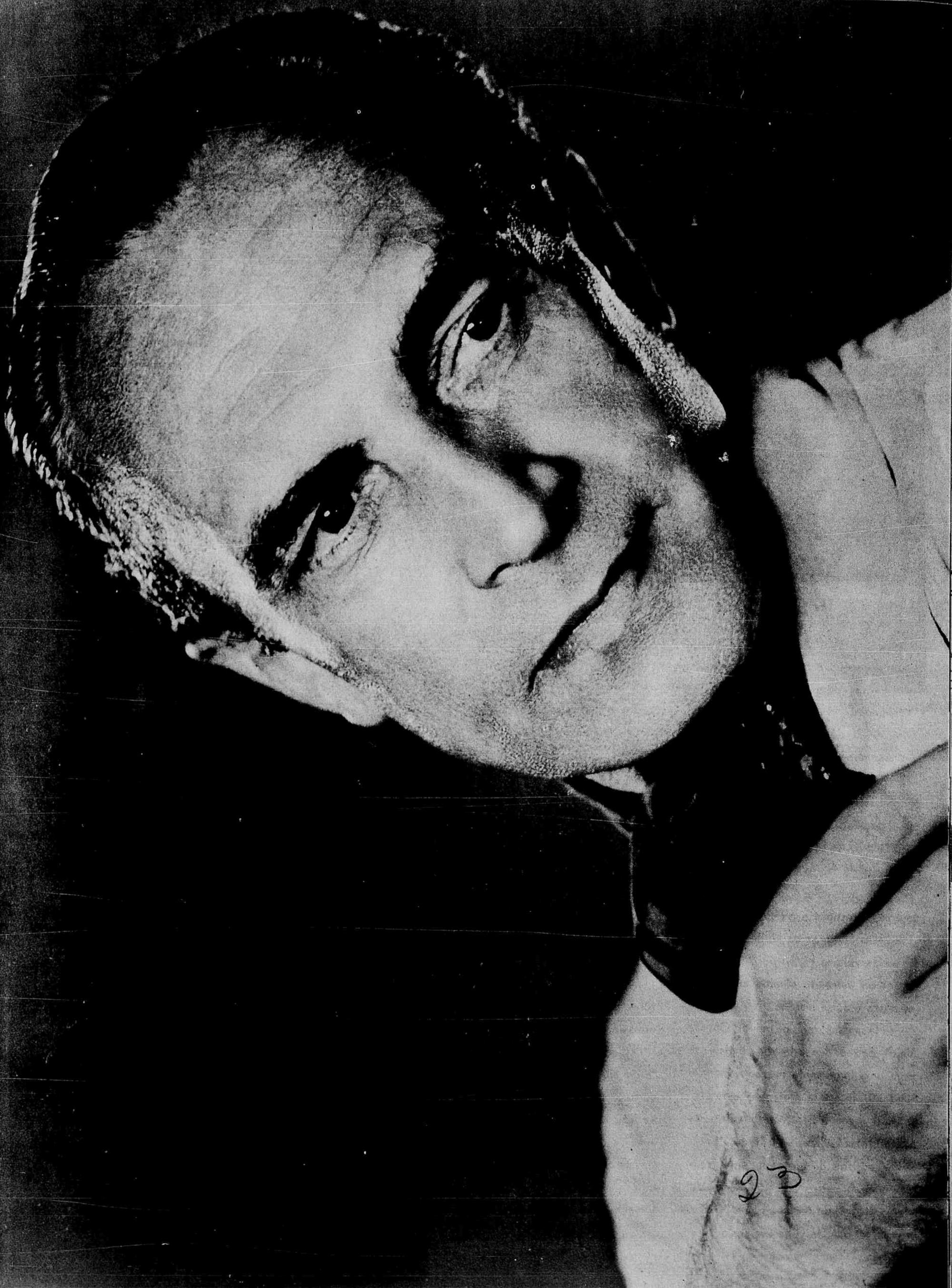
— Pouco a pouco fui aprendendo a gostar do teatro (lembra o ator). Um papel leva a outro. Trabalhei com Elsie Janis na segunda revista. Depois

depois de meses de tristeza e vida sombria na França, ao "glamour", a alegria e o brilho de uma cidade como Hollywood, não podem deixar de atrair um verdadeiro parisiense como Gabin. Mas, antes que tudo, disse o ator, o que o entusiasma é o estímulo renascido de voltar a um estúdio, ao trabalho.



— Qual foi a sua primeira impressão mais forte, ao chegar a New York, depois do regime de guerra da Europa? perguntei ao ator. Gabin pensou um minuto e respondeu: — Os autos... as filas imensas de autos... em movimento vertiginoso pela cidade. Há meses que não via mais do que um automovel numa rua. As pequenas elegantes e bonitas em Park Avenue... a comida nos finos restaurantes... o hilariante bom humor em peças como "Arsenic and Old Lace" e "Lady in the Dark"... o luxo no hotel, o conforto dos banhos mornos... eis algumas das primeiras coisas que fizeram os primeiros dias na América parecerem um sonho benéfico depois de um pesadelo agitado — disse Gabin.

Após uma semana em New York, Gabin embarcou para Hollywood, onde começou logo a estudar inglês para interpretar o seu primeiro filme americano. Qual será o poder de Jean Gabin na bilheteria, nos seus filmes feitos em Hollywood? Tudo prediz que será um sucesso terrífico. Uma coisa porém, já é certa. Pessoalmente, Jean Gabin já é a grande sensação de Hollywood.



23

CONRAD VEIDT

CONRAD

gro, com 48 anos, éle depende sómente da expressão diabólica, do rosto anguloso de asceta medieval, dos olhos azuis, frios penetrantes, sob o monóculo.

Esta vilania especial única no cinema, nasceu quando o jovem Veidt de 13 anos, filho de um oficial germânico,

descobriu que podia fascinar os colegas de escola, com passes hipnóticos e a voz de estranha intensidade. Esquecendo um sonho de adolescência, que era a carreira de cirurgião, éle pediu a um velho atôr, pertencente ao célebre teatro de Max Reinhardt, que lhe dêsse lições gratuitas. Depois, tanto solicitou, que afinal conseguiu uma audição com o próprio Reinhardt — o que resultou num contrato como extra, com a "chance" de estudar de graça a técnica do mestre e de toda sua famosa "troupe".

1914... guerra. Os oficiais de recrutamento regeitaram o jovem atôr de rosto cadavérico, para o serviço militar, mandando-o para Libau, afim de representar para os soldados em vespersas de partir para o "front". De licença, dois anos mais tarde, o jovem Conrad fez sua primeira aparição num teatro de Berlim, recebendo grandes elogios da crítica. Um dos mais importantes críticos berlinenses escreveu: "só peço, que esse notavel artista novo, jámais faça uma fita de cinema em sua vida"...

Conrad Veidt tambem pensava deste modo, pois naquêla

NA INTERESSANTE CENA DO ENCONTRO COM O BUSTO DE CHAMBERLAIN EM "NAS SOMBRAS DA NOITE".

QUANDO a guerra foi declarada, Conrad Veidt sentiu imensamente. A um jornalista que lhe perguntou sobre os planos futuros, éle respondeu:

— Perdôe-me, mas tudo o que eu dissér sobre o meu trabalho, é agora tão sem importancia.

Mas em breve, éle estava, de novo, dedicado a sua arte, terminando "O Ladrão de Bagdad" e fazendo "Nas Sombras da Noite" — um filme significativo, pois nêle, Conrad Veidt não morre e desposa a pequena no final. Foi "Nas Sombras da Noite" que o levou de volta a Hollywood. Sim, Veidt já foi um astro do cinema americano, mas isto é outra história.

Ha um ano, mais ou menos, Conrad Veidt deixou sua adorada Inglaterra, com uma importante missão: angariar fundos para a Grã Bretanha, juntamente com o seu filme, "Nas Sombras da Noite". Mas Hollywood tratou de prendê-lo e depois de um papel em "Escapes", vieram outros em "Um Rosto de Mulher" e "The Men in her Life". Não é provavel que éle volte tão cedo para

Londres — pelo menos, os produtores parecem dispostos a dar-lhe novos filmes.

Conrad Veidt é um especialista em tipos sinistros, em papeis de horror. Mas com técnica diferente. Karloff, Lugosi, Peter Lorre dependem do "maquillage", apresentam um horror manufaturado, com acessórios. Veidt oferece outro tipo de ameaça: concentrada, sem artificios, quasi mental. Muito alto, ma-



VEIDT

época o cinema não representava Arte, com A maiúsculo, para um ator. Mas começaram as ofertas . . . e ele não soube resistir aos 50 dolares por dia que lhe ofereceu um produtor. Conrad Veidt interpretou uma série de dramas sombrios e impressionantes, ficando popular entre o público alemão como "O Homem dos Olhos Sinistros", "Figuras de Cêra", "As Mãos de Orlac" e principalmente "O Gabinete do Dr. Caligari" foram alguns dos mais famosos. Também trabalhou com Greta Garbo em "Os malditos", da Svenska. Foi John



O CAVALEIRO DESCONHECIDO DE "O JUDEU ERRANTE". AO LADO, COM JOAN CRAWFORD EM "UM ROSTO DE MULHER".

Barrymore o responsável pela sua primeira estadia em Hollywood. O "grande perfil" preparava "Amor de Boêmio" (2.ª versão silenciosa de "Si eu fôra Rei") e quiz que os produtores mandassem buscar o célebre Veidt, em Berlim, para interpretar o papel de eLuiz XI. O resultado foi Conrad "roubar" o filme todo de John! Em sucessão, Conrad fez vários outros filmes na Universal, como "O Homem que Ri", "O Passado de um homem", etc., até que surgiu o cinema falado. Ele chegou mesmo a interpretar um "talkie" "Cêna Final". Mas o seu inglês era defeituoso e o grande ator preferiu voltar para sua terra. Logo de volta, fez "O Último Pelotão", "O Congresso se diverte" e vários outros. Em 1933, já

EM "THE MEN IN HER LIFE"

perfeito conhecedor do idioma inglês, aceitou um convite de uma firma de Londres, para filmar "Rome Express". Desde então, não mais regressou a Alemanha e começou então a sua série de filmes ingleses como "O Judeu Errante", "O Judeu Suss", "O Rei dos Condenados", "O Desconhecido", "Jornada Sinistra", "Espia Submarino", etc. A sua volta ao continente europeu, foi sómente para filmar em Paris, "O Último Jogô" e "Tempête sur l'Asie".

Na realidade, este teutonico rígido e cortez, é cem por cento anglofilo e nada tem do homem sinistro que interpreta nos filmes. Para os seus amigos íntimos, é o jovial e infantil "Connie", que adora anedotas, odeia gravatas, gosta de "pic-nic" e confessa ter grande dificuldade em fazer papel de vilão sem bigode e monóculo!



BETTY



GRABLE

27



EM "ARGELIA", COM CHARLES BOYER E O FALECIDO STANLEY FIELDS

Alan Hale apesar de 30 anos de trabalho no cinema, ainda é dos atores que mais aparecem hoje em dia; é uma das mais populares figuras da tela. Em todos os filmes que entra, seu trabalho é lembrado. E estes são tantos que para citá-los todos seria necessário o espaço de mais de uma página. Depois de 30 anos de popularidade, Alan Hale ainda não se conformou com seu nome romantico. "Nome de galã" — diz ele — e "não da personagem que sou hoje nos filmes!" Nascido em Washington, no frio 10 de Fevereiro de 1892, filho de escossez, êle foi batizado Rufus Edward Mac Kaham. Aos 18 anos, quando seus pais se mudaram para Filadelfia, Rufus começou o curso na Universidade de Pennsylvania. Depois, decidiu que a imprensa seria o seu destino — e como jornalista começou a trabalhar num dos jornais da cidade. Apesar de sua boa vontade e eficiencia, não conseguiu encontrar as emoções esperadas nesta profissão. Com a idéia de se tornar barítono da grande ópera, começou a estudar canto. Aventurou-se no palco, mudando o Mac Kaham para Alan Hale.

Em Filadelfia, a velha companhia produtora de filmes, a Lubin, funcionava junto á confeitaria predileta de nosso heroi. E talvez por isso, Alan Hale se tivesse deixado persuadir a ingressar no cinema. O resultado de seu trabalho num "set", foi bastante imprevisto. Depois da filmagem, o futuro barítono perdeu a voz, por causa da fumaça de polvora que enchia o ambiente!



COM NAZIMOVA EM "A DOLL'S HOUSE".

Alan Hale decidiu ficar no cinema. Isto em 1911 e, desde então, o ator adquiriu uma esposa, dois filhos, um lar em Hollywood e muito dinheiro no banco. Hale é o homem mais curioso que existe em Hollywood, sendo impossivel fazer previsões a seu respeito. Por exemplo: quando um diretor quer um bom tipo brigão pensa logo em Hale e se tiver a sorte de contratá-lo (pois Alan trabalha o tempo todo) prepara logo a cêna da briga. Mas é provavel que nesse mesmo dia Hale queira passear com os filhos. E quando êle telefona para casa, afim de

avisar a Gretchen que chegará atrazado para o jantar, uma voz se intromete na ligação e reclama:

— "Pop", que idéia é esta de chegar atrazado? O melhor é vir para casa quanto antes.

A voz é de Jeanne, a governante, que dirige o lar dos Hale com mão de ferro. Jeanne ingressou na família quando os Hale pediram pelos jornais, uma ama-seca para seus filhos. Esta francesa foi a que apareceu — ela se tornou a dirigente da casa e os patrões adoram-na..



O CASAL HALE-HARTMANN. A O LADO, UMA REMINISCENCIA DA CARREIRA CINEMATOGRAFICA DE GRETCHEN - ZARA, A VILã DO CÉLEBRE FILME EM SÉRIES DA FOX, "AS TREZE NOIVAS".



GRETCHEN

Outra curiosidade sobre o nosso herói é o seu admirável tino para negócios e sua completa submissão a seu horóscopo. Se as estrelas dizem "sim" — ele obedece. Se dizem "não" — você pôde lhe apontar um revólver e ele não se mexerá.

Seguindo a idéia de seu pai, que era fabricante de aparelhos médicos, Alan acha que em todas suas empresas comerciais, deve procurar meios para ajudar a humanidade.

Sua residencia é uma casa simples, confortavel, sendo que cada pessoa da família tem o seu próprio quarto, mobilado e arrumado como bem deseja. Seu filho Buddy, de 18 anos, tem no seu quarto todas as gravuras do pai — e Alan Hale acha divertidissimo procurar no armário de Buddy, ocultamente, uma das próprias gravatas. Há pouco tempo, o ator e a Sra. Hale festejaram 25 anos de casados. E isto em Hollywood! Gretchen Hale teve uma surpresa quando Alan lhe deu um documento onde se lia:

"Comunico-lhe que aceito a sua opção para o compromisso de outros 25 anos." A esposa de Alan Hale foi, no silencioso, uma figura conhecida do cinema americano. Por sinal que trabalhou primeiro, com o nome de Sonia Markowa no papel de Fantine em "Os Miseraveis", de William Farnum, e depois passou a trabalhar co-

NA ANTIGA COMEDIA DE WILL ROGERS "UM DIA GLORIOSO", COM LILA LEE.



EM "O GAVIÃO DO MAR", COM ERROL FLYNN



COM CLARA KIMBALL YOUNG NO VELHO FILME "THE PRICE SHE PAID".

mo Greta Hartmann. Lembra-se de "As treze noivas"? Também trabalhou em filmes ao lado do próprio marido.

NA CENA DE "AS CRUZADAS", EM QUE CASAVA COM LORETTA YOUNG, REPRESENTANDO O REI RICARDO CORAÇÃO DE LEÃO





DEANA DURBIN

Precisa-se de coristas de 1 metro e 70 de altura para algumas cenas de um filme da Metro-Goldwyn-Mayer. Apresentar-se no escritório de casts.

Lynn Bari que estava naquela perigosa disposição de espírito, comum entre o despertar e a hora do café, olhou com pouca vontade para o jornal e deparou com este anúncio:

— Um metro e setenta... murmurou ela. Ora, sou eu!

Dez minutos mais tarde, Lynn (que nunca vira uma corista em sua vida de colegial) e Mamãe Bari (que não sabia bem o que vinha a ser uma "corista!") estavam a caminho de Culver City. Centenas de jovens, dos mais variados tamanhos e coloridos, aglomeravam-se na porta do escritório de "casts" — isto nos dias de "Amor de Dansarina", de Joan Crawford, muito antes dos estudios anunciarem, pedindo às coristas que saíssem de suas portas! A multidão de candidatas ficou reduzida a três e uma delas era Lynn. Na Metro, a corista improvisada apareceu em outras produções. Depois, dançou em filmes da TC-Fox como "Stand Up and Cheer" e "Coming Out Party". Finalmente, assinou um contrato e depois de mil e uma fotos de publicidade, durante os dois anos em que estudou arte dramática e foi aperfeiçoada pelos técnicos do estúdio, Lynn teve o seu primeiro pequeno papel em "A Baroneza e o Mordomo". Seguiram-se vários outros filmes, como "Walking Down Broadway", "Josette" e por fim, um primeiro papel numa aventura de Mr. Motto. Lynn Bari nasceu Marjorie Bitzer

ha uns 21 anos em Roanoke, no estado sulino de Virginia. Sua família viveu algum tempo no Sul, mas depois se mudou para Boston. Lynn quase não se recorda dos costumes de sua terra, mas ainda tem na memória, os garotos de Boston que paravam junto dela e de seu irmão, dizendo:

— Vamos, digam alguma coisa. Vocês têm um jeito gosado de falar!

Hoje, porém, Lynn Bari nada tem de comico no seu modo de falar. Ao contrario, diz com muita elegancia. Considerada uma das estrelas de amanhã, ela tem filmado um grande número de películas, que incluem superproduções e fitinhas de segunda: "Um Drama no Ar", "Desculpe a nossa ousadia", "O Segredo da Noiva", "Saiando um reino", "Relampago da Pista", "Kit Carson", "A volta de Cisco Kid", "Pack Up Your Troubles", "Free", "Blonde and 21", "City in Darkness" e muitos outros. Quasi sempre lhe dão papéis de vampiro ou mulher má, como em "Hotel para Mulheres", "Vingança do Passado", "Adeus para sempre", "Mendigo Milionario", "Lillian Russell"... Entretanto, se o diretor deixasse o galã olhar com atenção para os olhos transparentes e o sorriso de covinhas da encantadora Lynn, a heroína do filme saía perdendo... Muito parecida com Claudette Colbert, ela possui uma personalidade também mais adequada ao genero de filmes leves e modernos. Inteligente, sem afetações (ela odeia exibicionismo) calma e sincera, Lynn possui um fino senso humorístico, adora sapatos novos, bi-



UM POUCO DE LYNN BARI



LYNN, JOHN PAYNE E SONJA HENIE NUMA CENA DE "SUN VALLEY SERENADE", O FILME QUE TROUXE DE VOLTA A FAMOSA PATINADORA NORUEGUÊSA

fes com batatas, tudo o que tem chocolate. Veste-se com simplicidade, mas fica um encanto em costumes ou vestidos "tailleurs". É louca por perfumes. Defende com entusiasmo o clima da Califórnia e isto desde que se mudou, com sua mãe e seu irmão (agora estudante na Universidade local) para Los Angeles.

Lynn Bari é a esposa do agente Walter Kane, desde 1938. Durante 6 meses, Walter trazia a licença de casamento no bolso, es-

perando que Lynn tivesse alguns dias livres, entre a filmagem de uma fita e outra. Certa noite, quando jantavam no Café Lamaze, Walter exclamou: "Vamos casar hoje mesmo!"

— Mas tenho que estar no estúdio amanhã cedo, às 6 horas! respondeu Lynn.

— Afinal, quando não tens que estar no estúdio? protestou o noivo.

Lynn não soube responder. Com toda a calma, os dois saíram do restaurante à procura de um ministro que os casasse. A jovem estrelinha adora a vida doméstica — mas continua cursando a escola dramática. Novos filmes: "Sangu e Areia", "Sleepers West" e "Sun Valley Serenade".



Thomas Ladd é o dançarino. O celebre Adolf Bolm. dirigiu as cenas de "ballet". Sergei Tamoff deu aulas de dança a Loretta, durante 6 meses, ensaiando-a para o filme. Desde menina, Loretta quis ser bailarina e quando a dirigiu num de seus filmes, Gregory Ratoff lhe disse que algum dia ele interpretaria a "Ballerina" do livro de Lady Eleanor Smith...

Público brilhante e cosmopolita era o que enchia a Opera, antes de subir o pano para o Memorial Ballet em honra de Lina Varsavina, a maior "ballerina" de sua geração. A própria realeza, a nata do mundo elegante que era a sociedade de Londres em 1911, viera ao teatro assistir e aplaudir o emocionante tributo prestado à memória da saudosa bailarina. Os risos e conversas cessaram, imediatamente, quando apareceu o retrato de Varsavina, trazido do Louvre especialmente para aquela noite. Iluminado, o quadro representava a inesquecível artista, exatamente como ela ainda vivia na memória de seu público — no vestido vaporoso de sua dança favorita — a "Rosa Branca". As luzes apagadas, depois das últimas notas do "God Save the King", o mestre de cerimônias falou, explicando o significado daquela homenagem. Tri-

buto após tributo, ele fez reviver as glórias daqueles pés mágicos. Mas falou apenas sobre Varsavina, a dançarina. Ele não sabia contar ao público a história bem mais importante de Varsavina, a mulher... E jamais poderia, pois ignorava o romance que foi a vida daquela que nasceu sob o nome de Pauline Varley, num cortiço de Londres, cujo coração ardeu apenas a chama fria da ambição, destruindo tudo o que tocava...

x x x

Polly Varley, aquela menina magra, faminta e assustada, de grandes olhos negros, era filha de uma dançarina. Com a morte de sua mãe, entretanto, o pai ainda mais se entregou à bebida, casando-se de novo com a dona de uma casa de comodos, tão chegada ao copo quanto ele. A madrasta proibiu logo as lições de dança e com a proibição, vieram os máus tratos. O velho Nurdo, antigo artista, foi quem ajudou Polly a fugir de casa, como dançarina dum miserável circo em "tournée" pela Itália. Durante um ano, ela aí dançou. O seu número era rápido e decorrido entre o silêncio frio ou o aborrecimento sonoro dos espectadores. De volta à carroça, Polly

Loretta Young recebeu 75.000 dolares pelo seu trabalho como Lina Varsavina. Ela usa no filme 30 vestidos de Walter le Maire e chapéus de Lily Daché, avaliados em... 21.000 dolares. Além de Loretta, foram também consideradas para o papel, em ocasiões diferentes: Anna-bella, Garbo, Zorina e Irina Baronova..

nhecidos por Pauline Varley. De meia-idade, cabelos brancos, ele vestia luxuoso traje de noite e uma capa flutuante.

— Quero perguntar-lhe uma coisa — disse ele, com voz culta e bem modulada. Que faz aqui neste... Jardim Zoológico?

— Sou uma dançarina! respondeu Polly, elevando a rosto, com encantadora dignidade.

— Quer dizer, você "deseja" ser uma dançarina... corrigiu o interlocutor. Hontem a noite vim vê-la dançar. Hoje, de novo...

— E acha que danço bem? perguntou a jovem, com ansiedade, o rosto colorido pela emoção.

— Acho que dança horrivelmente... Quantos anos tem?

— Dezesete! respondeu Polly, mal contendo sua furia.

— E quer ser uma dançarina — repetiu ele, como se estivesse pensando alto. Apesar de seu pessimismo trabalho hoje, poderia ser! Tem graça, leveza, velocidade. Tem mãos encantadoras. Para uma dançarina, elas são tão importantes quanto os pés. Mas... é preciso

Conrad Veidt faz o papel de Rosing, o creador de Varsavina. A grande ambição do diretor Ratoff (amigo de Veidt há 21 anos) era interpretar este papel...

riam feri-lo) Eu... eu pensei que o senhor tivesse morrido...

— Para a dança... disse ele, dominando sua tristeza — eu morri. Boa noite, Mademoiselle. E boa sorte!

Ao dar-lhe o cartão, Rosing não a estava convidando para ir à sua casa. Ninguém compreendeu melhor isto do que Polly. Entretanto, ela foi. Com o cartão numa das mãos, a velha valise na outra — e uma expressão de teimosa decisão, ela bateu à porta. De nada valeram os protestos de Marie, a severa governante de Rosing. De nada valeram os protestos do dono da casa. Polly entrou, insistiu em ficar e finalmente, em lágrimas, declarou:



— Não é justo, pôr idéias assim na minha cabeça, como fez hontem, e depois me mandar embora. Eu não tenho para onde ir...

Num olhar frio e penetrante como um raio X, Rosing analisou a figurinha fragil que continha aquele espirito indomável. Aquela

andar denressa! Não há tempo a perder. Deveria estar treinando, estudando todo o dia e todos os dias. Não num lugar como este, mas com um verdadeiro professor...

— Mas... eu não conheço pessoa alguma...

— Se o seu desejo é grande e sincero, achará um meio. A ambição tudo pôde, principalmente se recebe um pouco de coragem. Foi isto que lhe vim trazer. Aqui está

E' este filme da Columbia, "The Men in Her Life" que se chamou "Ballerina", "To Night Belongs To Us" e "Women of Desire".

O ROMANCE de

menina era material plástico que seu genio poderia moldar...

— Suponhamos que eu consinta em dar lições — como poderá pagar-me?

— Pagar-lhe-ei quando fizer sucesso, disse ela, cheia de confiança.

— Suponhamos que não seja um sucesso?

— Então a culpa será toda sua! respondeu, com arrogancia. E foi



Conta Gregory Ratoff: isto é mais e mais do que um novo filme, para mim, muito mais do que uma aventura de ... 800.000 dólares. É a realização de um sonho que tenho desde 1932. Menino ainda, eu era apaixonado pelo "ballet", para mim a mais viva de todas as artes. Quando em 1932, li o livro "Ballerina", encontrei nele a oportunidade sonhada. Minha esposa Eugenie Leontovich faria o de Rosing. Mas isto há 9 anos e eu não tinha capital para a realização. Deixei de lado a carreira de ator e passei a aprender a direção de filmes, os segredos da camera e da iluminação. "Ballerina" continuou sempre no meu espírito. E um dia chegou, há 6 meses passados, quando levei meus artistas e meus técnicos para um "lot" em Culver City — e comecei o filme!



assim que Polly ficou. Depois de libertar-se de seus abraços de agradecimentos, Rosing perguntou o seu nome. Pauline Varley? Ele fez uma carêta. Este nome nunca serviria. Pauline, Pauline... Lina! Isto sim. Lina Varley, Lina Var... Varsavina!

Nesta tarde, Lina Varsavina teve a sua primeira lição com Stanislas Rosing e antes de terminar, ela compreendeu que ele seria um mestre implacável. Os cabelos húmidos de suor, os músculos doendo, ela pediu um momento de descanso, pois estava exausta.

— Cansada? Naturalmente... nunca treinou. Mas aqui a um mês, nada sentirá, depois de 10 horas de trabalho. Sabe o que é a vida de uma dançarina...

— Eu serei! Pode ficar certo disso.

— E mesmo quando o fôr, nada mais existirá para você a não ser a dança. Nada mais, nem lar, nem marido, nem filhos. Apenas a dança e os ensaios. Até que um dia, de repente, você descobrirá que está velha. Quarenta anos apenas, mas muito velha... Agora vá dormir. A manha começaremos de novo.

E assim fôram dois anos, dois anos difíceis e arduos para Lina. Oito horas, dez horas e as vezes 12 horas de exercícios e ensaios.

UMA BALLERINA

como se fôsse um automato. Rosing era impiedoso. Além de dança e exercícios em barra, Lina tinha aulas de maneiras, de linguas estrangeiras, particularmente russo. Quem já ouvira falar numa bailarina inglesa? Uma vez, apenas uma vez, Lina se rebelou.

Foi no dia em que fugiu da aula, desobedecendo a vigilância de Marie, para ir passear no jardim com um jovem visitante, Roger Chevis. A cólera de Rosing foi tremenda. No dia seguinte, ele embarcou para Roma, com sua aluna. Lina deveria ser examinada por Olenkova, a grande "ballerina" já retirada do palco. Olenkova viu dançar a protegida de seu velho amigo. Depois de um longo e emocionado silêncio, declarou:

— Minha querida... será grande o seu futuro. Se é o sucesso que deseja, te-lo-á na certa...

A estréia de Lina Varsavina como dançarina, em Paris, foi um triunfo maior do que Rosing imaginara! E Lina ouviu pela primeira vez, nessa noite, algo destinado a ser uma perigosa mas necessária droga para ela — o som de uma platéia batendo palmas, até ficar exausta, no entusiasmo causado pela sorte... Lord Roger Chevis estava no teatro e mais tarde se apresentou nos bastidores. Stanislas Rosing recebeu-o bem, esquecendo o incidente do passeio com Lina. Ele pedia o privilegio de oferecer uma festa à estréiante. Rosing concordou — era parte da tradição, a ceia oferecida por um jovem admirador no "debut" de toda bailarina. Durante a festa, Lina recebeu as primeiras homenagens que daí então a cercariam sempre. Roger tirou-a para dançar,

mas depois da primeira volta, levou-a para uma sala ao lado. — Acredita em amor à primeira vista? perguntou ele. Naquela momento, Lina parecia acreditar. E Roger confessando sua paixão, pediu-lhe que fôsse sua esposa. Ela não pode respon-

der, pois Rosing a chamava. Reclinados na sacada, os dois olharam Paris a seus pés. Em voz baixa, Rosing falou:

— Lina, esta é a nossa despedida, salvo... Acha que poderíamos ser marido e mulher? Vejo que isto é uma surpresa para vo-



John Sheppard faz o papel de Roger, o único amor de Varsavina. Harry Stradling, emprestado por Hitcock, fotografou o filme.

quem devo tudo o que sou. Meu futuro marido!

Lina, ao terminar estas palavras, não ousou olhar para Roger. Porque se olhasse e visse a expressão de seu rosto, esqueceria que uma dançarina jamais deve conhecer um amor que a faça esquecer o mundo, o seu mundo... Oito meses depois, Lina e Stanislas estavam casados, finalizando uma "tourné" de extraordinário sucesso. "Tourné" rigorosíssima, que piorou ainda mais a saúde de Rosing. Mas Lina não notou isso. Ela só pensava em sua carreira. Não era feliz, nem feliz no seu casamento. O trabalho absorvia-a por completo. Pensava o menos possível em Roger Chevis. Rosing planejou para ela um novo bailado, "O Ballet da Rosa Branca" e o sucesso de Lina Varsavina foi indescrevível. Depois da Europa, era inevitável que a América também quizesse conhecer a grande bailarina. Lina ficou radiante com as propostas recebidas. Mas Rosing

se mostrou relutante. A longa viagem, a distância, tudo isso ameaçava seriamente sua saúde. Lina mostrou-se teimosa, obstinada. Aquilo era puro egoísmo de Rosing! Recusar-se à viagem, quando a América lhe oferecia novos triunfos, novas platéias para conquistar!

— Receio estar recebendo agora o meu castigo, pensou Rosing. Lina, suponhamos que eu dissesse que terias de ir só Irias?

— Se recusas ir comigo — irei só!

Rosing curvou a cabeça. Ele não sabia lhe recusar coisa alguma. Mas temia tanto essa viagem... Lina não ficou assustada, pelo marido passar de cama toda a viagem. Marie lá estava no camarote, para cuidar dele. Ela queria apro-

— Posso me casar consigo, Rosing. Naturalmente! Já lhe disse que sou sua criação. Como poderia recusar?

De volta à sala, ela propôs um brinde: — Senhores, permitam-me brindar Stanislas Rosing, o homem a



Ludmila Toretzka é Olenkova. Eugenie Leontowitch é a fiel Marie. Otto Kruger interpreta o violinista.

veitar todas as emoções da viagem. O mar agitado, o vento, apenas conseguiam estimular seu juvenil entusiasmo. A bordo, Lina conheceu Harvey Kellog, o único passageiro a passear no convés, resistindo à violência do mar. Lina soube sêr êle um dos capitalistas mais importantes da América — e na primeira noite em New York, Harvey Kellog convidou a bailarina e Rosing, para jantarem em sua companhia. Na hora de sair, Rosing teve um ameaço de síncope. Assustada pela primeira vez, Lina quis chamar um médico. O marido recusou, insistindo para que ela não faltasse ao jantar oferecido em sua honra. Lina voltou cedo e foi diretamente ao quarto do marido. Mas ao acender a luz, soltou um grito: ao lado da cama, estava caído Rosing. Bastou um olhar, para vêr que êle estava morto. Passaram os momentos dolorosos, mas Lina não encontrava consôlo. Tudo lhe acusava sua ingratidão para com Rosing, até mesmo o olhar frio e sêco de Marie.

— Que vou fazer, Marie? Sempre o tive a meu lado, para me ajudar e dirigir... soluçou Lina, em desespero. Não posso mais dançar, sem êle...

Marie abraçou-a e foi como se, nesse momento de consôlo, ela transferisse para Lina, o amor e a lealdade que sempre tivera para com Rosing.

— Você continuará sua vida, exatamente como êle planejou. E' o seu dever — em memória dêle. Você deve continuar dançando, cada vez melhor, para



a gloria de seu nome. Enquanto dançar, viverá um pouco de Rosing...

Todos os que viram Lina Varsavina no ano seguinte, jamais a esqueceram. Sua dança era de uma fascinação única, de uma perfeição indescritível! Entretanto, Lina sentia-se infeliz. Aquela noite, por exemplo, a última de sua brilhante temporada na Ópera de Paris. Lina sentia-se cansada, indiferente a tudo. E Roger Chevis apareceu em seu camarim! Apareceu para apresentar-lhe sua noiva, Lady Jane Ingran. Depois que êles saíram, Lina caiu no sofá, numa crise de chôro. Foi nesse momento, ironicamente psicológico, que Harvey Kellog a procurou. De passagem pela França, êle quis revêr a jovem que tanto encantara em New York.

Logo às primeiras palavras, Lina compreendeu que êle ia propôr-lhe casamento

Dean Jagger é Harvey - Kellog, o milionário americano.

— E gostaria mesmo de casar comigo?

— Você sabe que sim. Preciso tanto de uma companheira. Mas se me aceitar como marido — será o fim do "ballet". Você terá que sacrificá-lo...

— Sacrificio? Lina sorriu, amargamente. Ela estava farta de sua carreira. Desde os 5 anos de idade, dançava como uma "marionette". Não era sacrificio algum, abandonar a dança. Era descanso, felicidade. E Lina acreditou que estivesse dizendo a verdade... Mas não foi Lina Varsavina, a grande "balletina", que fez a incrível promessa de abandonar a dança para sempre — foi uma jovem exáusta, nervosa, desiludida, que não tivera sua "chance" de gosar a vida... Depois de dois meses de casada, numa existência calma e confortavel, Lina viu como era impossível manter a promessa. Foi quando recebeu um telegrama de Paris, pedindo que voltasse imediatamente, afim de dançar na inauguração da Torre Eiffel. Seu casamento, sua vida atual, tudo ficou sem importância. Esse convite era uma grande honra, pois entre todas as dançarinas do mundo, ela fôra e escolhida! Não havia promessa alguma capaz de prendê-la — o som dos aplausos a chamava de volta ao teatro.

— Voltarei... disse ela ao marido. Sinto tanto, Harvey, mas tenho que voltar...

E assim terminou o casamento, repentinamente, como tinha começado. De novo em Paris, Lina se entregou aos ensaios. Mas um dia, ao finalizar uma "pirouette" desmaiou. O médico foi chamado: Varsavina ia ser mãe. Oculta numa cidadezinha de provincia, na companhia de Marie, ela esperou o nascimento da criança. Foi uma menina e Lina chamou-a Rose Blanche, por causa de seu "ballet" preferido. Os dois anos seguintes foram os mais felizes da vida de Lina Varsavina. Dentre de 6 meses,

ela estava dançando e obtendo novos triunfos. A pequena Rose vivia no campo, com Marie. Era preciso que Mr. Kellog não soubesse de sua existência. Êle poderia levar a menina consigo... Depois Roger Chevis voltou à vida de Varsavina. Fôra êle, de fato, o seu primeiro amor, o único homem que realmente amava. E Lina viveu na felicidade de seus três amores — Roger, sua filha e seu trabalho. Mas na noite do segundo aniversário de Rose, quando Marie a levou a Londres, para junto de Lina, — Harvey Kellog reapareceu. Vinha vêr sua esposa, disse êle. Viu tambem a menina e compreendeu logo que era sua filha. Harvey desejava que a esposa voltasse para o seu lado — agora, mais do que nunca. Lina explicou que isso era impossível. Amava outro, o verdadeiro amor de sua vida. Sentia imensamente, mas era impossível. Harvey não se emocionou. Êle tinha as suas armas. Seu ultimatum foi mais terrível do que sua impassível frieza.

— Pois só darei consentimento para o divorcio, Lina, sob uma condição: Rose ficará comigo para sempre! Jamais mudarei de decisão.

Lina empalideceu. Ela jamais o julgara tão cruel. Êle continúa:

— Tem que escolher, Lina: a carreira de dançarina — ou tua filha. Ou abandonas tua vida de artista por causa de Rose — ou abandonas a menina, para

que ela tenha a educação que não lhe podes dar.

Lina respondeu, entre soluços, que não sabia. Nunca, em sua vida, fôra obrigada a olhar tão longe no futuro. Mas a verdade é que sabia muito bem... e nas semanas que se seguiram, repetiu varias vezes, que fizera bem em deixar Kellog levar a criança. Dentro de dois dias seria a esposa de Roger — e a questão de abandonar a dança por causa do casamento, jamais surgiria entre êles. Pobre Lina Varsavina! Ela não deixaria a dança... nunca. Roger faleceu, vítima de um desastre e ela ficou sem a filha, sem o homem amado, apenas com um contrato para assinar.

— E porque não assinar? Preciso ter alguma coisa que fazer, para o resto da vida...

A lenda da incomparavel Varsavina continuou viva nas grandes capitais da Europa. Mas viva sómente como uma lembrança. Porque durante 10 anos, ninguem mais a viu dançar. Corriam as mais descontraidas versões sobre o seu suposto retiro — todas falsas. O público nunca soube da verdade sobre o seu idolo: que Varsavina continuou dançando, durante todos êsses 10 anos. Mas tudo o que fizera de sua dança, a maravilha do século, tinha desaparecido... Nem mesmo o leal Caesar, que era ainda seu empresario, conseguiu um contrato para o mesmo lugar onde Lina tivesse dançado. E esses lugares eram pequenas cidades da Africa, da Australia... Êle não deixava que Lina voltasse à Europa.

— E' preciso que a memória de Varsavina, a maior dançarina viva, continue intacta. Para que destruí-la? dizia êle, com tristeza. Durante todos esses 10 anos, Lina tentou, desesperadamente, recuperar sua filha. Advogado após advogado, ela contratou — mas tudo inutil. O divorcio dêra direitos legais a Mr. Kellog. Um dia, entretanto, no decimo aniversário de Rose Blanche, Lina Varsavina pareceu despertar de um sonho.

Ela queria voltar a New York. Não para reaver Rose... mas para dançar na mesma cidade em que vivia sua filha. Era preciso que Caesar lhe conseguisse um contrato. A principio êle recusou, categoricamente. Era muito seu amigo para lhe dizer a verdade. Mas, dias depois, teve uma idéia e disse a Marie:

— Ela estava no auge de sua carreira quando dançou em New York, há 12 anos passados. Todos os que a viram, lembram-se de Varsavina como era então... Quanto ao resto, é uma lenda. Pois faremos reviver a lenda! Quem notará que ela já não sabe mais dançar? Ela sorrirá, representará para o público — e êle verá sómente a legenda, a incomparavel Varsavina!

O Metropolitan Opera House anunciou a reaparição de Varsavina, a maior bailarina viva. Na noite da estréia, em seu camarim, Lina se preparou com fortissima emoção. Kellog não lhe permitira ver a filha, mas Lina sabia que êle estaria no teatro, que êle traria Rose para vê-la... A ansiedade de Caesar e Marie nos bastidores era ainda maior do que a da bailarina ao entrar em cena... E a "performance" de Lina Varsavina naquela noite, foi a coisa mais extraordinaria já vista no mundo do teatro! Nem mesmo no dia de sua estréia na Opera de Paris, dançou ela com tanta perfeição. O público aplaudiu com verdadeiro frenesi. Nos bastidores, chorando de alegria, Marie dizia: "não é Varsavina... é uma lenda que dança..." No seu camarim, findo o glorioso espetáculo, Lina não recebeu pessoa alguma: nem os criticos entusiasmados, nem os admiradores, nem os velhos amigos. Ela queria estar só, para saborear a emoção de que sua filha fôra testemunha de seu triunfo. Ela vira o seu rostinho juvenil, emoldurado de cachos, logo nas primeiras filas...

— Lina, Mr. Kellog está aqui... com a pequena Rose... disse Marie.

(Termina no fim do número)





ANITA LOUISE

SEGRÊDOS DE BELESA DE HOLLYWOOD

(Por MAX FACTOR JR.)

EXAMES CRÍTICOS

Não é possível negar que um grande número de mulheres ignora detalhes das suas feições, assim como outras vivem alheias á toilette, a maneira de apresentar-se, etc.

E tal ignorância póde causar grande dano á aparência geral da mulher, e por muitas razões. Sem receio de errar, afirmo que uma creatura assim lucraria imenso se procedesse em si própria um exame crítico, resultando, por certo, melhoramento na sua aparência, maquilagem, penteado, etc.

AS ESTRÉLAS DE HOLLYWOOD

As estrélas do cinema, como o são, por exemplo, Joan Crawford, Ida Lupino ou Barbara Stanwyck, levam vantagem sobre as outras mulheres têm oportunidade de se examinar na téla, podendo estudar-se á vontade.

As demais mulheres, porém, só têm um meio de se verem, quando se olham ao espélho, ou examinando os respectivos retratos.

INSTANTÂNEOS

Para elas há, contudo, o recurso de instantâneos, fotografias obtidas com máquinas apropriadas a retratos verdadeiros, sem auxílio de luzes especiais, retoques, enfeites, etc. Esses instantâneos não são adulares como as fotografias obtidas nos atelieres especializados, os quais procuram tornar a cliente bonita, encantadora, fascinante . . . ou perdem a freguesia.

ADULAÇÃO

Se, por acaso, um instantâneo mostra a mulher encantadora, é caso de pura sorte. A mulher sabe que é realmente como o pequenino retrato a está mostrando. Se a fotografia não a favorece, eis a oportunidade de estudar e examinar o que de ser corrigido. Se o instantâneo é de primeiro plano, pegando o rosto em cheio, ela poderá facilmente examiná-lo, observando o que deve ser retocado, melhorado, corrigido. Se não estava usando maquilagem na ocasião do retrato, a fotografia revelará a pele mais grossa. Qualquer pequenina mancha, espinha ou cravo aparecerão ainda mais destacados, o que, no caso de haver sido o rosto maquilado, nunca seriam pegados pela máquina.



JOAN CRAWFORD, ESTRELA DA METRO, ASSIM COMO OUTRAS DE HOLLYWOOD, TÊM A VANTAGEM DE SE PODEREM EXAMINAR NA TÉLA. AS DEMAIS MULHERES DEVERÃO FAZER O MESMO, ESTUDANDO INSTANTÂNEOS, QUE SÃO RETRATOS OBTIDOS SEM AUXÍLIO DE LUZES ESPECIAIS OU RETOQUE.

PÓ DE ARROZ

Esses instantâneos mostrarão também como é vantajoso usar uma "base de maquilagem", o que tornará a aplicação do rouge ou do pó de arroz mais suave e macia. Quando um e outro são aplicados no rosto, que ele tenha sido tratado com a "base", o resultado já não é o mesmo. Muitas senhoras sabem também que o pó de arroz e o rouge pegam mais facilmente quando passados sobre uma "base de maquilagem".

REVELAÇÕES

Os instantâneos poderão revelar ainda se o bâteon foi aplicado devidamente, se o nariz está reluzente ou se as maçãs do rosto carecem de pó: se há pequeninas rugas em torno dos olhos ou no canto da boca, se o cabelo está brilhando como se deseja ou ainda se a maquilagem de olhos e pálpe-

bras é correta. Não pensem, caras leitoras, que essa "revelação" é apenas aparente em fotografias instantâneas. Nada disso. O mesmo que verão nos retratos, é visto e admirado pelas pessoas que estão com você.

Não se esqueçam de um fato de grande importância: o instantâneo pega a pessoa tal qual está na ocasião em que o retrato é batido. E não mente, não adula, não procura torná-la mais bonita ou melhor maquilada. Do mesmo modo, por "essa ocasião", era assim que você aparecia aos que estavam com você.

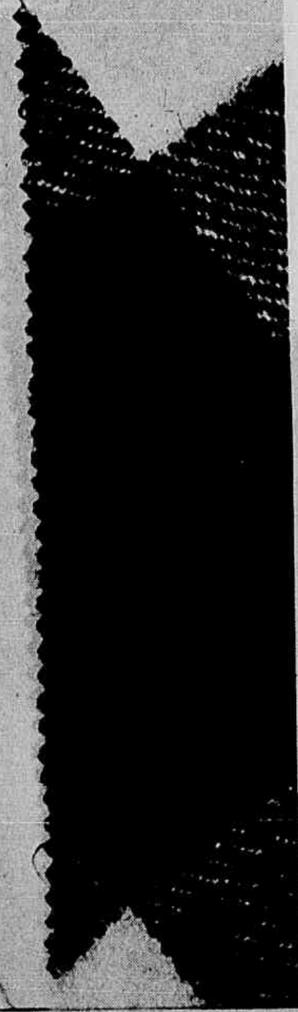
Daí, quando você, leitora e amiga, examinar um desses instantâneos, lembre-se de fazer um estudo crítico. Repare no que está imperfeito, incorreto, o resto fica por sua conta. Tenho certeza que remediará os erros. Sei que procurará corrigir isto ou aquilo. Só assim a sua aparência melhorará cem por cento.



Ainda foi Monica a idealizadora deste "navy costume" para de noite: blusa azul luminoso, peitilho branco, estrélas de prata, saia de "chiffon" vermelho.

BONITESA E ELEGANCIA DAS "ESTRELAS" DO CINEMA...

Para o novo papel de miss Harris, e numa ocasião social, Monica desenhou este vestido côr de chocolate com listras azues, notavel criação de bom gosto e originalidade.



O verão vem aí! Sabemo-lo todas. Mas você ha de viajar, fugir ao calor, e nem sempre as calças lhe agradam. Nem a você nem á miss Kay, aqui apresentando uma composição para "week-end": saia de "shantung" azul, blusa "marron" muito escuro, casaco amplo de flanela branca quadriculada de "marron", "canotier" de palha.



... são atributos ao alcance da leitora, desde que saiba tratar-se como se tratam as moças de Hollywood, as quais dão excepcional importancia á saúde, procurando, assim, estar sempre em fórma para "luzir" beleza. Depois é que vêm os coadjuvantes: "maquilage", penteados, trapos, joias, etc. — Aqui temos, como exemplo, uma nova "star", Kay Harris, em breve a nossa vista numa produção Columbia: "Tillie the Toiler". Bonita e elegante, sugere, para jantar, este pijama de jersey cinza nas calças, branco bordado a côres na blusa. Desenho de Addie Masters.

A elegancia da mulher está na sua apresentação, a Imperial possui este segredo

Não é preciso ir a Hollywood, a Imperial recebe todas as suas novas criações



EVA GABOR, da Paramount, atesta que o estilo princesa é das loiras, com este traje de crêpe verde murta, aplicações douradas, festonadas e estriadas de prata.

E' que os vestidos ajudam o mais gracioso dos seus atributos: a feminilidade. E assim batem-se palmas aos vestidos que os costureiros formam com especial carinho, haja em vista os que estampamos aqui, a principiar por este de PRISCILLA LANE, "star" da Warner Bros em "New Orleans Blues". A blusa "chemisier" é guardada com taxas de ouro, a saia bem larga, "plissée soleil".

Por quê as mulheres são mais

A moda oferece aspecto oriental nesta produção de Bernard Newman para I. Maguin, servindo de modelo JOAN BENNETT, a qual mostrará a espetacular "toilette" de "chiffon" branco, estampado de mimosas amarelas e rãs orquídeas,

em "She Knew All the Answers", da Columbia. Clips e braceletes de diamantes, de Laykin e C°. Vestido admiravel para festas em noites estivais.

Verão! E a leveza romantica de um vestido branco, bordado á inglesa, colocando-se um "clip" de brilhantes no largo cinto preto como os cabelos de Ruth Hussey, traje a apreciarmos na artista em "Our Wife", da Columbia.



O clássico estilo americano está marcante neste "evening skirtmaker" de crêpe azul pastel, adornado de ouro na blusa, e desenhado por Addie Masters para a formosa Rita Hayworth, da Columbia.



Crêpe verde pontilhado de ouro — o vestido elegantíssimo de MARY ASTOR, aquisição da Warner para "The Maltese Falcon". A saia apresenta a linha es-correita.



Combinam-se tons tortes neste "dinner pajama" de crêpe "faillé", ideado para Rita Hayworth: calças vermelho fúscia, mangas verde "chartreuse", cinto dourado na parte da frente. — Desenho de Addie Masters para a produção Columbia: "You'll Never Get Rich".



LUCIA CARROLL, futura artista da Warner em "Captains of the Clouds", ensina a maneira de guarnecer o decóte de um vestido branco: flôres muito alvas bordadas a luminosos fios de prata.



A Imperial

RUA GONÇALVES DIAS, 56

A "finesse" e o "charme" americanos nos modelos da Imperial

A Imperial

Av. Copacabana, 635



esporte



MARTHA SCOTT, companheira de Frederic March em "One foot in heaven", da Warner, adora a vida do campo, e por lá anda sempre vestida como um rapazinho.



Listras é, das estamparias, uma das mais bemquistas no verão. Um modelo bonito, inclusive "turban", o de Olympe Bradna, da Warner.



ANNA MAY WONG "pôsa" com o seu "Boy" no jardim de sua residência em Santa Monica. A interessante "star" veste um "short" verde jade, casaco e sapatos de tãla de filé cõr de barbante. Mas a cadeira-cama é notabilíssima...



Descansar assim é bonito e gostoso — assegura Claire Trevor, a artista de "Texas", da Columbia, com William Holden e Glenn Ford.

Vida ao ar livre



MICHELE MORGAN, sob contrato na RKO., prefere calças curtas nas suas costumeiras excursões.



Saia estampada, blusa branca—indumentária de última moda para o verão. O figurino é miss Hayworth, a qual veremos em breve em "Affectionately Yours", da Warner.

Para "trotter" na praia indica Rita Hayworth este "completo" de "shantung" de seda branca.

BONITA GRANVILLE, a ocupadíssima estrelinha da Metro, arranja tempo para aspirar ar livre, útil à saúde e à bonitesa. São realmente interessantes os esportivos sapatos com que a graciosa pequena põe fêcho ao seu traje de praia.

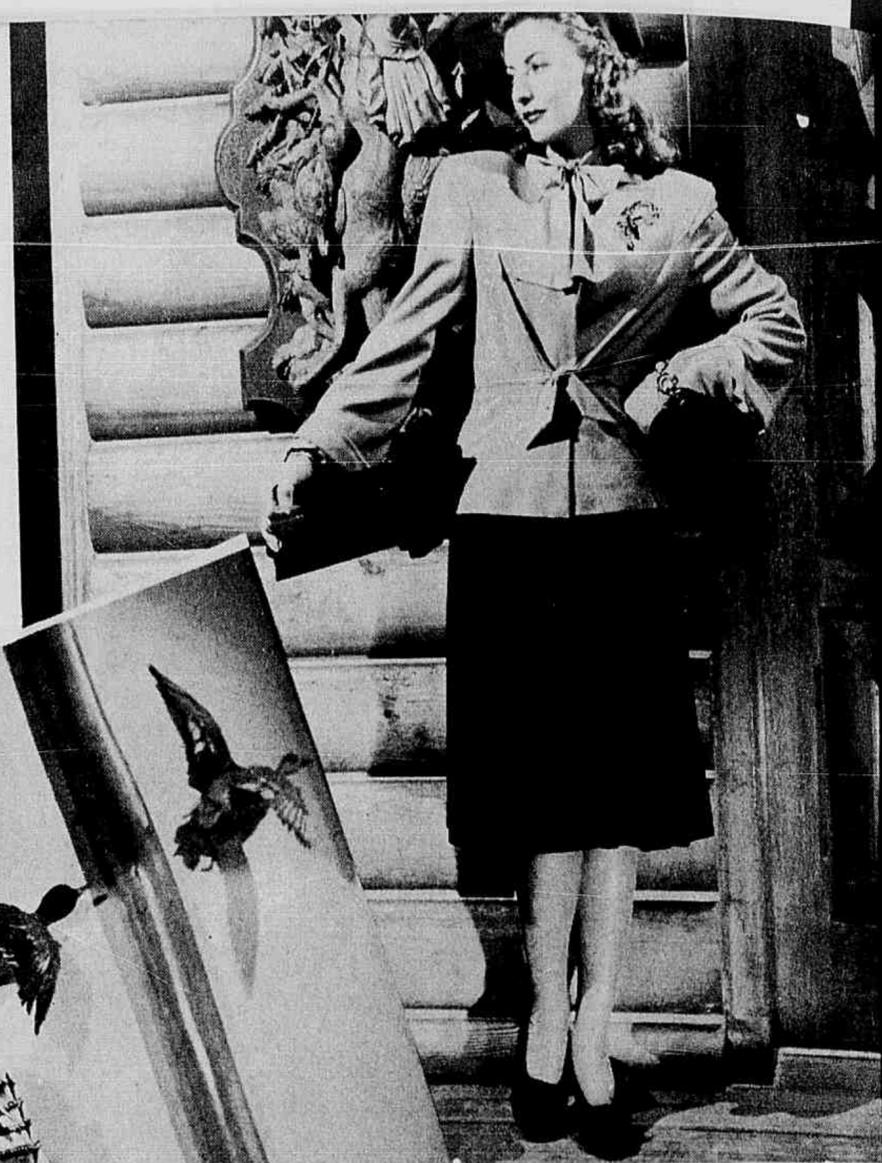
A elegancia da mulher está na sua apresentação, a Imperial possui este segredo

Não é preciso ir a Hollywood, a Imperial recebe todas as suas novas criações



Entre outros trajes Edith Head creou para a "star" da Columbia em "You belong to me" êste gracioso e singêlo traje para de tarde, talhado

em crêpe grosso cinza pálido, botões e brancelête ouro pálido, à cabeça um véu de "chenille" azul.



Tambem êste "ensemble" composto de saia "marron", casaco "beige", é criação de miss Head . . .



. . . ainda colaborando neste costume da que soube prender o mui cubiçado Robert Taylor.



. . . bem como o lindo "negligee" de setim azul, o qual valorisa o "glamour" da "glamorous" artista . . .

DO GUARDA ROUPA DE BARBARA STANWYCK



Extravagante? Talvez... Mas ha-de assentar em muita cara bonita, tal como assenta em Lupe Velez.



Um grande chapéu branco, adornado de véu negro, rendado á beira, completa a elegancia de Gloria Swanson, servindo de modelo à gente do mesmo tope...



Se a leitora é do tipo de Joan Fontaine, póde auxiliar os seus encantos com êste chapéu boneca, enlaçado por fino véu de seda.



Mesmo que você pretenda gastar pouco dinheiro com chapéus no verão, um ou dois hão-de ser necessários a momentos de cerimonia. E não haverá carinha bonita capaz de resistir á originalidade dêste "coiffant" de palha negra, guarnecido de grande pena "cirée", com que Ana Lee completa uma "toilette" de seda estampada.

CHAPÉUS NOVOS

A nota expressiva do chapéu de Alexis Smith é constituída pelo grampo dourado e a rêde de "chenille".





(THE MAN WHO
LOST HIMSELF)

FILME DA UNIVERSAL

DIRIGIDO POR
EDWARD LUDWIG

O HOMEM QUE SE PERDEU

JOHNS Evans (Brian Aherne), entrou no "bar" do Hotel Adelphi, relendo o telegrama que recebera momentos antes. "Bem avisei que seria inútil viagem a New York. Sabia que não obterias contrato. Fui idiota financiar tua viagem. Não caio noutra. Se queres voltar a Porto Rico, só a nado. Teu ex-sócio Phillips". John Evans bebeu um cálice de licôr, depois outro, murmurando: "que patife!" Tomou ainda outro calice e franziu a testa, vendo a imagem refletida na vidraça da janela. Seria ele o homem no "bar", olhando a imagem na vidraça? Ou seria ele o reflexo, olhando o homem no "bar"? Estaria embriagado? Evans voltou-se e viu no "lounge", apenas uma pessoa — um homem, com um calice de "sherry", sentado numa mesa. Um homem de expressão muitíssimo familiar — pensou Evans. Um conhecido, provavelmente.

— Perdão, disse ele, dirigindo-se ao outro. Meu nome é John Evans. Sou de Porto Rico.

— Meu nome é Malcolm Scott, (Brian Aherne), respondeu o interpe-lado, olhando-o com ironia indulgente, como se ele já "estivesse" embriagado!

— Scott? Não me lembro do nome, mas sua fisionomia é bem familiar... e Evans começou a analisar o rosto do estranho. Não era admiração que lhe parecesse familiar. Malcolm Scott era o retrato dele mesmo, Evans!

— Devo estar embriagado. Existem dois de mim?

— Não, sorriu Scott, somos duas pessoas diferentes.

— Quer dizer que ha cada um de nós?

— Certo. Somos parecidos, ou por outra, somos sócias.

Assim dizendo, Scott ofereceu outro "drink" a Evans. Depois outro e mais outro. Evans teve a vaga consciência de que saía do hotel. Viu as luzes da entrada de um "metro". Sen-

tiu o vento frio que soprava, sentiu que Scott o empurrava para dentro de um táxi e ouviu que ele dava ao "chauffeur", um endereço na Quinta Avenida. Aí, o sono se apoderou dele, escurecendo tudo como as sombras da noite numa paisagem...

No dia seguinte, Evans acordou num quarto luxuoso, com um mordomo ao lado. Onde estaria?

— Em casa, senhor. E aqui estou eu. Paul. (S. Z. Sakall), seu criado.

Evans compreendeu que se tratava de um caso de falsa identidade. Mas onde estaria Scott? Uma ducha fria dissipou os últimos vestígios da embriaguês da véspera. O criado ajudou-o a vestir-se, não ligando aos protestos que fazia Evans, dizendo não ser o patrão. Para todos na elegante mansão, ele era Malcolm Scott. Para sua irmã, seu médico e até mesmo para "sua esposa" — Adrienne Scott - (Kay Francis). Depois de alguns minutos na companhia de cada um, John Evans compreendeu quem era Malcolm Scott. Um homem sem brío e sem caráter, que envergonhava a família, que já estivera num sanatório para combater o vício da embriaguês, que dissipara a própria fortuna e estava em vésperas de arruinar o grande estabelecimento industrial de sua esposa. Adrienne era, de fato, uma linda mulher e John Evans não pode fugir à influencia de seu "charme". Ele ouviu as censuras de Adrienne, sem coragem de confessar a sua identidade. Aliás, pouco adeantaria, pois ninguém parecia acreditar em suas palavras. As situações começaram a se precipitar de maneira atordoante para ele. Os jornais da manhã noticiaram: "Um homem identificado como John Evans, natural de Porto Rico, morreu instantaneamente esta madrugada quando

caiu ou foi atirado na frente do trem subterrâneo."

— Ora essa! Mas isto não é possível! exclamou ele. Quem morreu não fui eu. Não sou Malcolm Scott, meu nome é John Evans!

As suas reclamações de nada adeantaram e como ele quizesse sair, resolveram chamar o Dr. Simms, (Sig Rumann). Nesse interim, chegava Frederik Collins, (Henry Stephenson), o advogado de Scott. Ele falou-lhe, severamente. A bancarrota estava iminente. Nem se salvaria a fortuna pessoal que Adrienne empregara no negócio. Além disso, ela se sacrificava, trabalhando diariamente, enquanto ele, Malcolm, vivia uma vida de dissolução... John Evans esqueceu quem era, de fato, e resolveu ajudar a encantadora Adrienne. Ele foi ao escritório, causando surpresa geral pelo seu procedimento. A própria Adrienne não continha o seu assombro.

O marido chegou a beijá-la, na frente de Peter Ransonme, (Nils Asther), demonstrando ciúmes pelas atenções deste antigo admirador! A surpresa maior foi de Malhausen, (Henry Kolker), um dos diretores da firma. Malhausen era, simplesmente, cúmplice de Scott na falsificação de cheques e desvio de capitais da firma. Ao falar a Malcolm, propondo nova falcatrua, encontrou-o mudado.

— Exijo a restituição de todo o dinheiro que você roubou da firma, disse ele com firmeza.

— Mas aqui está um cheque de 25,000 dolares que você falsificou, Malcolm! retorquiu o outro, boquiaberto.

A resposta de Malcolm, ou seja John Evans, foi agarrar o cheque, le-

vá-lo a boca e enguli-lo! Mas quando, de volta à mansão Scott, ele reuniu toda a família, o efeito foi outro. John Evans anunciou:

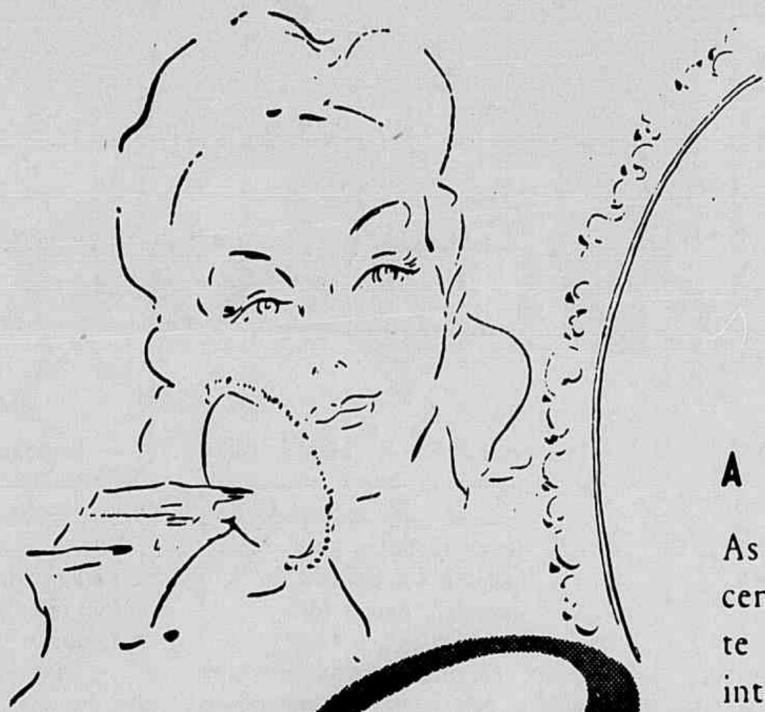
— Perdõem-me. Não sou quem pensam. Chamo-me John Evans e sou um intruso nesta casa.

Todos sorriram com incredulidade. Todos, menos Adrienne e Paul. John repetiu as palavras, exaltou-se, gritou. Paul trouxe-lhe um copo com água. Adrienne pediu que se acalmasse. Dr. Simms avançou na sua direção... e John Evans de nada mais se lembrou. Quando voltou a si, era noite de novo. Estava num automovel, numa camisa de força, com Adrienne a seu lado e Paul na direção. Adrienne começou a falar; disse-lhe que os dirigentes da companhia de seguros tinham lhe mostrado as provas. O morto era Malcolm Scott e não Evans. Mas antes disso, ela já suspeitara da verdade. Desde o momento em que ele a beijara, na frente de Ransonme. Paul colocara um sedativo no copo d'água, eis porque Evans caíra em profundo sono. E quando o Dr. Simms o levou de volta para o sanatório, Adrienne e o mordomo resolveram salvá-lo de qualquer maneira. Eis aí a explicação daquela fuga. Evans ainda estava um pouco sonolento para compreender com clareza toda a complicação. Mas sentiu as mãos frias de Arienne na sua testa ardente — e ouviu sua voz murmurar:

— Gosta de mim, Sr. John Evans?

Ele respondeu, pois consciênte ou não, sabia muito bem de quem gostava:

— Eu amo Adrienne Scott!



NÃO DISFARCE

A SUA PELE BONITA COM ARTIFÍCIOS

As manchas, sardas e espinhas — que aparecem, agora, no seu rosto — foram certamente provocadas pelo Sol... Vento... Frio e intempéries. Tranquelize-se! E não pense em disfarçá-las com o "maquillage" em excesso para não tornar a sua beleza artificial.

-Corruja



AS IMPERFEIÇÕES DA CUTIS FACILMENTE!

Dois minutos diários — pela manhã e à noite — é quanto o Leite de Colônia lhe pede para remover as manchas, sardas, cravos e espinhas do seu rosto. Insista sempre em Leite de Colônia, o embelezador preferido não só pelas mais formosas mulheres do Brasil, mas de toda a América do Sul. Leite de Colônia limpa, alveja e amacia a pele. É também esplêndido fixador do pó de arroz. Mas não confunda. Só ha um Leite de Colônia. É a famosa fórmula do Dr. Studart para corrigir e evitar as imperfeições da cutis.

Leite de Colônia



STAFIX fixa o penteado e dá brilho ao cabelo de senhoras e cavalheiros.

CONCURSOS DE CARNAVAL

Estamos em face do primeiro concurso para músicas do Carnaval. Desta feita, quem o iniciou foi a Rádio Clube. Quando falamos em marchas e sambas momecas veem-nos logo à idéia o possível aproveitamento das mesmas para um "big-parade" cinematográfico com o desfile de criaturas, mais ou menos interessantes do rádio.

Mas agora queremos falar na mania dos concursos, e isso porque, de um modo geral, e tem acontecido mesmo com os certamens officiosos, as músicas vencedoras são as menos cantadas pela população nas festas de Momo.

Seria muito mais curial que, ao em vez de se querer, em novembro saber qual será a música mais popular, deixassem os que amam o plebiscito desse genero, para fazê-lo nos dias das festas Carnavalescas, julgando as marchas e os sambas através do delirio dos pares, quando gritam, enrouquecidos, para que as orquestras repitam a musica da sua preferencia.

Seria mais prudente, e, talvez assim não se verificassem as injustiças de sempre, além do justo pesar e do natural acanhamento de certos vencedores apressados...

FRANCISCO GALVÃO

O QUE SE CANTARÁ NO CARNAVAL

O Nice todos sabem e o quartel general do rádio. E' ali que se cata as novidades. O reporter esteve lá e sondou a turma.

Haroldo Lobo foi quem falou. O autor do "Passarinho do relógio" anunciou muita coisa. Com Wilson Batista apresentará "Seu Joaquim"; confia muito na "Mulher do leiteiro" e apresentará, com Milton de Oliveira, "Tem galinha no bonde".

As novidades surgiram. Trazemos uma série de furos para os leitores. Soubemos mais que Nassara vai dar a nota com "Treme, Treme, meu bem", com Haroldo Lobo.

Roberto Roberti vai man-

dar gravar "Nós, os carecas". Ele é o autor de "Aurora", que pegou de galho. "Tempo de colégio" é a sua marcha este ano, com Roberto Martins. João de Barro e Alberto Ribeiro, a grande dupla do Carnaval estava calada, misteriosa, nem moita. O que podemos dizer é que, com Antonio de Almeida, João de Barro vai aparecer com "Onde vais, morena?".

— E Benedito Lacerda?

Numa mesa ele sorri. Amavel como sempre. Toma um café apressado para entrar na Rádio Clube.

— Pode dizer que lançarei com Cristovam de Alencar, no Carnaval de 1942 "Um

agradinho é bom". Aliás, pode dizer que o meu parceiro tem nada menos de trinta composições para o Carnaval. E o autor feliz de "Eva querida", deu o fóra.

— Seu Ari, e Você?

O grande compositor que o país admira, ficou calado. Falou para despistar noutras coisas. Disse que está trabalhando, mas nada mais adiantou, muito embora possamos dizer que ele tem para o Carnaval a marcha "Canta, Maria", que será de sucesso integral.

Vejam os leitores que a turma está preparando boas musicas para a temporada que vem aí.

SOLOS

— A voz de Camelia Alves, a nova sambista da Mairink, é agradável; sente-se um pouco de originalidade na artista que merece louvores.

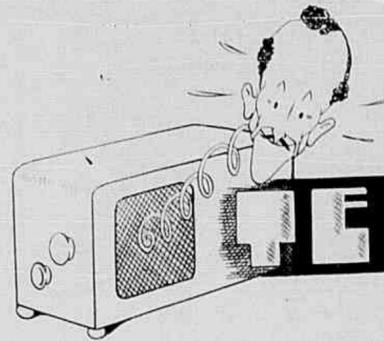
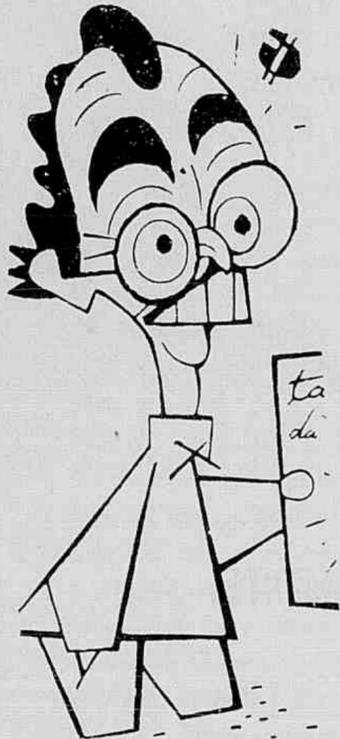
— Fernando de Menezes é um bom locutor da manhã da Rádio Clube.

— A Ipanema apresenta agora um programa louvavel tal seja "A vida dos grandes musicos".

— Edmundo Lys, de certo um dos melhores criticos radiofonicos, vem redigindo para a Educadora cronicas das mais bem feitas com aquela sua reconhecida inteligencia.

— Sagramor de Escudêro é um nome que se recomenda na Rádio Clube pela apresentação de interessantes programas infantis.

— Queixam-se os locutores desportivos da falta, nos clubes de "foot-ball", de local apropriado para que possam fazer as descrições dos jogos. E eles tem razão, sabendo-se, como se sabe, que mais da metade dos que amam o jogo bretão o assistem dentro de casa através do rá-



TELEVISÃO

ONDE ESTIVER NO BRASIL

ouça

P.R.A.8

A unica Emissora Nacional que transmite simultaneamente EM DUAS ONDAS

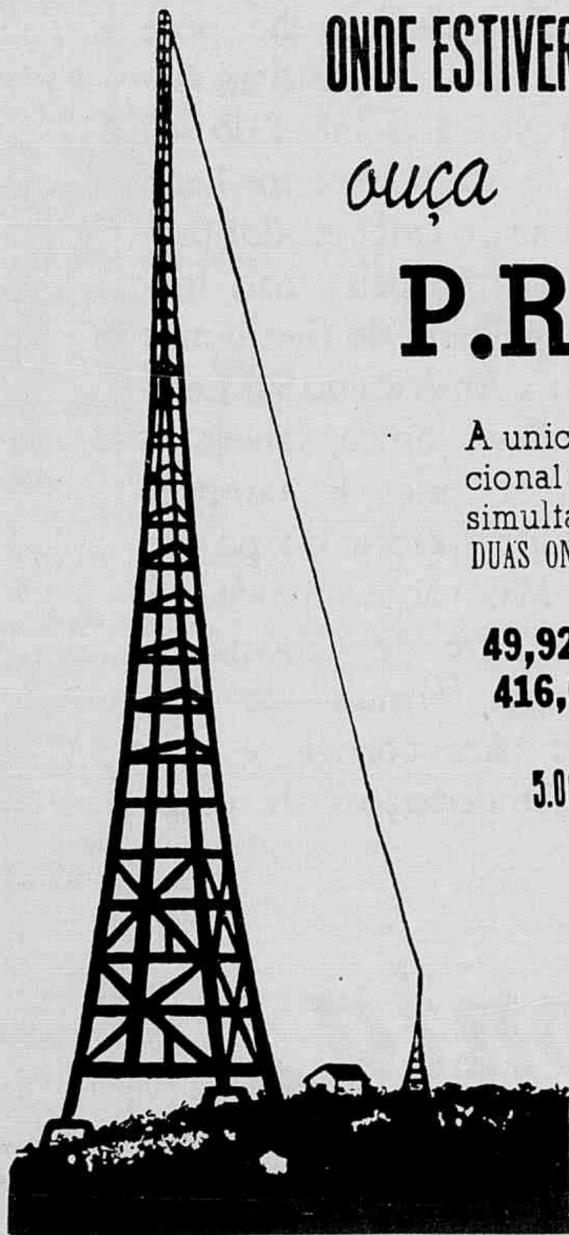
49,92 6010 Kc/s
416,6 720 Kc/s

5.000 Watts - P. R. A. 8
- 25.000 Watts

Radio Club

de

Pernambuco S/A



PARA CABELOS BRANCOS ?...



Loção Leblon

A LOÇÃO QUE IMPÕE-SE PELOS SEUS RESULTADOS POSITIVOS

USE EM SEUS BANHOS SABONETE

Leblon

MANIPULADO COM AS AGUAS RADIO ATIVAS DE SERRA NEGRA



NAS FARMACIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS

Lab. Leblon - SERRA NEGRA - Est. S. Paulo (Linha Mogiana)
Distribuidoras: PACHAUA & CIA. Rua dos Andradas, 69 - Rio de Janeiro



"SAMBISTA NOVA" — CAMELIA ALVES É A NOVA SAMBISTA DA PRA-9. VEIO PARA O RÁDIO COM PERSONALIDADE. E SE NÃO SE DEIXAR LEVAR PELA VAIDADE, ENTONTECIDA PELOS FALSOS LOUVORES, TALVEZ SEJA UMA ARTISTA DE VALOR, MAIS TARDE.

dio...

— Devemos louvar certas iniciativas de Renato Murce na direção da Rádio Clube:

uma destas, vem ser a orquestra "Chiquinho e seu ritmo".

— Tem causado especie a falta de carinho na publicidade de Gilberto Alves, em verdade um dos bons cantores da Tupí.

— Discordamos, algumas vezes, de Ari Barroso no modo porque faz o seu "Programa dos Calouros". Daí a endossarmos a saraivada de grosseiros insultos anônimos que tem recebido, vai uma grande distancia. Somos contrarios a isso, mesmo porque ele tem sido sincero no seu ponto de vista, e é digno de elogios pelo muito que tem feito, de qualquer maneira, na seleção de artistas para o rádio.

"FOLKLORE" — LIDIA DE ALENCAR RENOVOU O REPERTORIO MAS O SEU GENERO SENDO DIFICIL ANDA A EXIGIR DA QUERIDA ARTISTA CERTOS CUIDADOS ESPECIAIS COM A SUA VOZ QUE ANDA SEM BOM TIMBRE.



"DIRCINHA RESSURGIU" — UMA DAS MELHORES NOTAS DO RÁDIO FOI O REAPARECIMENTO DE DIRCINHA NA PRA-9. EM VERDADE ELA É UMA ARTISTA DE REAL MERECEAMENTO, E, COM JUSTIÇA, A LEGITIMA INTERPRETE DAS NOSSAS MUSICAS POPULARES.

NOVIDADES

— Fala-se que J. Tomaz pretende organizar uma orquestra para o rádio.

— O tenor Juan Daniel voltará ao Rio dentro de poucos dias.

— Não deixa de ser interessante o novo programa da Mairink, "Quadros da Historia", apresentado por Cesar Ladeira.

— Fala-se que teremos, em breve, no Dip o Conselho Consultivo do Direito Musical.

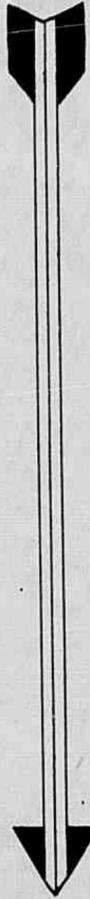
— Consta que a esplendida artista do cinema Nilsa Magrazzi recebeu notavel proposta para atuar numa das nossas melhores emissoras.

— Parece assentado que ressurgirá em breve uma das mais notaveis duplas de compositores.

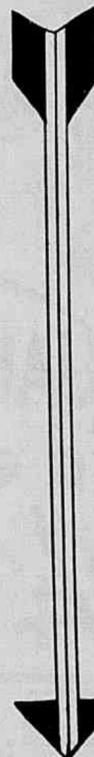


As

NOITES MAIS FELIZES DA CIDADE SÃO PASSADAS



NO "GRILL" DO



CASINO

COPACABANA

RECENTES
Triunfos da

UNIVERSAL

**CORAÇÕES
HUMANOS**

com
CHARLES BOYER
**MARGARET
SULLAVAN**



**PAIXÃO
FATAL** com
MARLENE DIETRICH
BRUCE CABOT
ROLAND YOUNG



ORDINARIO... MARCHE!
ABBOTT
COSTELLO E AS
ANDREWS
SISTERS



**ESTA MULHER
ME PERTENCE**

com
CAROL BRUCE
FRANCHOT TONE

Direção de **FRANK LLOYD**



**AGUARDEM
ainda em
1941**

JUSTICA
com **FRANCHOT TONE**

**O HOMEM QUE
SE PERDEU**
com **BRIAN AHERNE**
KAY FRANCIS

**O MONSTRO
ELECTRICO**

**DELICIOSA
AVENTURA**
com **ROBERT MONTGOMERY**
IRENE DUNNE-PRESTON FOSTER



Todos estes
filmes serão
acompanhados de
Complementos
NACIONAIS

LA

A REALIZAÇÃO MÁXIMA DE RAUL ROULIEN — PRODUÇÃO DFB

AVES SEM NINHO

O MELHOR FILME BRASILEIRO, NA OPINIÃO UNÂNIME DA CRÍTICA E DO PÚBLICO.

DISTRIBUIDORA DE FILMES BRASILEIROS S/A
A MAIOR ORGANIZAÇÃO CINEMATOGRAFICA NACIONAL

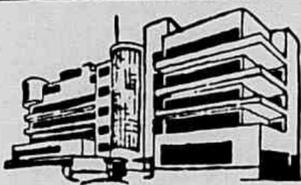
BREVEMENTE

ENTRA NA FARRA

O NOVO FILME BRASILEIRO DA RÉGIA FILME, COM

Dircinha Baptista, Arnaldo Amaral, Pepita Cantero, Carlos Galhardo e outros.

D.
F.
B.



MATERNIDADE ARNALDO DE MORAES PARTOS E CIRURGIA DE SENHORAS

TEL. 27-0110

Instalações e aparelhagem moderníssimas. Ar condicionado nas salas de partos e de operações e nos apartamentos. Internamento e assistência a parto por 1:200\$000, com inscrição prévia Radioterapia profunda. Raios X, diagnóstico. Tenda de oxigênio e Eliot-terapia. Parto sem dor.

RUA CONSTANTE RAMOS, 173 — COPACABANA

LAURA SUAREZ

(FIM)

Rimsky-Korsakoff, Stravinsky... Adoro também os ritmos brasileiros.

Sobre o divan, a biblioteca repleta onde o velho Anatole France tem lugar proeminente, de-

nuncia outra paixão de Laura Suarez. E não estão ali todos os volumes de sua coleção, diz a artista. Esta paixão pela leitura vai a extremos e Laura conta um divertido incidente, com aquele sorriso "bitter-sweet", tão pessoal!

— Durante a representação de *Patinho de Ouro*, há uma cena em que tiro um livro da estante, abro-o e finjo lêr, enquanto espero que outro ator termine seu diálogo. Foi o que fiz. Mas o curioso é que comecei a lêr de fato a página em que o abriu e tão absorta fiquei na leitura, que Ferreira Maia deu a deixa, uma, duas, três vezes e eu não percebi! Foi preciso que ele me segurasse no braço, para que eu compreendesse. Resultado: Roulien passou-me uma afinação e proibiu livros em cena!

* * *

Glamour é ilusão, dizem, ilusão que faz parte do *make-believe* do cinema e do teatro. Pois aí está a personalidade de Laura Suarez *deglamorizada* pela

INTRANQUILIDADE • INSÔNIA

Ataques nervosos e epiléticos

Novo tratamento



Não sofra mais! Há agora um tratamento moderno para combater os ataques nervosos ou epiléticos e a falta de sono — MARAVAL (solução), calmante poderoso, providencial combinação de elementos opoterápicos e vegetais, que restitua a saúde, a alegria e o sossego. Inicie hoje mesmo este tratamento verdadeiramente científico. Não encontrando nas farmácias e drogarias, escreva ao Depositário. Caixa Postal, 1874 — São Paulo.

MARAVAL

LYCEU IMPERIO

Diretora — Professora Sophia Magno de Carvalho
(Colaboradora de "Moda e Bordado")

ESCOLA DE CORTE, COSTURA E CHAPÉUS

Ensino prático e teórico em turmas
com número limitado de alunas.

Pagamento em mensalidades e sem joia
Resultados garantidos

RUA RAMALHO ORTIGÃO, 9 - 2.º andar

curiosidade e a indiscreção do jornalista, numa entrevista minuciosa onde não faltam os defeitos (bebe demais café; é impontualíssima nos embarques, chegando sempre na última hora e causando momentos de serio nervosismo aos que vão levá-la).

Mas terminada a análise *deglamorizante*, a Laura Suarez da realidade continua a corresponder a figura da imaginação, causando impressão sempre encantadora. E se por acaso perguntarem de novo, qual a tradução brasileira de *glamour*, a resposta será:

— Laura Suarez... em toda a sutileza de suas nuances.

EXAMES DE RAIOS X a 30\$

DR. NELSON MIRANDA RUA DA CARIOCA, 48-1.º and.

Com a mais potente e moderna aparelhagem instalada em clínica particular. 500 mil ampères a anodo rotativo — PULMÕES — CORAÇÃO — GRAVIDEZ, etc.

Diariamente, das 8 às 18 horas. Tel.: 22-1525

UM ROSTO DE MULHER

(FIM)

Guia da Belleza

Este livro ensina a fazer, na propria casa, os tratamentos de beleza mais uteis e proveitosos. Traz os processos feitos pelo medico especialista

DR. PIRES

na sua Clinica de Belleza da RUA MEXICO, 98-3.º and. Rio de Janeiro

Preço: 8\$ pelo correio ou nas livrarias.



Busto

Augmente, fortifique e diminua o busto com os productos á base de HORMONIOS.

Hormo-Vivos 1 e 2

Para desenvolver e fortificar use o n. 1. Para diminuir use o n. 2. Resultados rapidos. Gratis: Peça informes á Caixa Postal 3.871 - Rio

Nome.....
Rua.....
Cidade..... Estado.....

PILULAS



(PILULAS DE PAPAINA E PODOPHYLINA)

Empregadas com successo nas molestias do estomago, figado ou intestinos. Essas pilulas, além de tonicis, são indicadas nas dispepsias, dores de cabeça, molestias do figado e prisão de ventre. São um poderoso digestivo e regularizador das funcções gastro-intestinaes.

À venda em todas as pharmacies. Depositarios: JOÃO BAPTISTA DA FONSECA. Rua Acre, 38 - Vidro 2\$500, pelo correio 3\$000 - Rio de Janeiro

DR. UBALDO VEIGA

PELLE — SYPHILIS — VARIZES
4 ás 5 ½, segundas, quartas e sextas

DR. MOTTA GRANJA

Apparelho Digestivo — Hemorrhoidas
2 ás 5 ½, terças, quintas e sabbados
Consultas populares: 20\$000
OUVIDOR, 183-5.º — TEL.: 28-0901

2ª. EDIÇÃO

Sã maternidade
Conselhos e sugestões
para futuras mães

Prof. Arnaldo de Moraes

PREÇO 12\$000

LIVRARIA ALVES-R. Ouvidor 166-Rio

ferente daquela creatura agressiva e odiosa que conhecera nos dias da operação. Atraído por ela, pela expressão nova daquêle rosto do qual fora creador, ele surpreende por acaso uma conversa entre Torsten e Anna; ouvindo as instruções do chantagista.

Compreende, então, o combate que se trava na alma de Anna e resolve auxilia-la nesta fuga do passado. Ao saber que ela já saíra com o menino, corre à sua procura, tomando outro carril. Teria ela obedecido a Barring — ou teria dominado as forças contrarias que lhe agitavam a alma? Ao chegar junto à catarata, Gustav Segert encontra Anna com o garoto nos braços, apertando-o carinhosamente contra o peito. A nobreza e a bondade de sua alma venceram um passado de odio contra o mundo. Em casa, Torsten faz uma cena violenta, acusando Anna de traidora, por sua falta de decisão. E' um homem repulsivo e infame que Anna tem em sua frente e ela se horrorisa de ter podido amar tal monstro. Torsten quer agredila e Anna lhe declara, com firmeza, que está tudo terminado entre ambos. Embora não queira reconhecê-lo, ha um sentimento latente em seu coração: a gratidão pelo Dr. Segert, o homem que a tornou formosa de corpo e alma, vai mais além. Anna sente amor por êle. A' tarde, o Consul Barring convida os hospedes para um passeio de trenó e Anna não pôde evitar que Barring leve consigo o sobrinho. Mas sabendo quais as suas intenções sinistras, Anna corre a confiar seu mêdo e seu desespero ao Dr. Segert. Ela escreveu uma carta, contando tudo ao Con-

sul e o avisando das intenções de Torsten, mas desconfia que o velho Barring não a recebeu. Dr. Segert e Anna saem perseguindo Torsten e depois de veloz corrida, alcançam o trenó que se distanciara dos outros. Anna se apodera do menino, mas Barring ataca o Dr. Segert. Entretanto, Anna está decidida: ela traz consigo um revolver e com um tiro certo, mata o homem que está ligado a seu passado...

Eis a razão porque Anna Holm está sendo julgada. Ha pouca esperança para ela. Criminosa, sim, é impossível nega-lo. Somente o Dr. Segert e o Consul Barring acham atenuantes à sua culpabilidade, certos que estão da regeneração de sua alma. Nada podem fazer, entretanto, porque não ha provas que denunciem os planos criminosos de Barring. Havia apenas a carta que Anna escrevera na noite anterior ao crime, avisando o Consul que Torsten planejava matar o menino para herdar sua fortuna... E o tribunal está prestes a condenar Anna Holm, quando aparece Emma, a creada do Consul. Ela tem a carta em seu poder e não a entregara ao velho amo, por julgar que fosse uma carta de amor! A leitura da mesma, em pleno tribunal, prova a verdade das declarações de Anna e de todas as testemunhas. Ela é uma creatura regenerada e sua absolvição abre-lhe o caminho de uma vida nova. A simpatia do Dr. Segert se transformou em amor, o que é revelado em pleno tribunal, como tambem foi a infidelidade de sua ex-esposa. Anna Holm tem um companheiro para sua vida nova... e assim termina a historia de *um rosto de mulher*...

Foi em 1913 que apareceu no Rio a primeira revista cinematografica. E, para mostrar, que tudo isso que existe hoje não é novidade, essa publicação já trazia amplo noticiario dos estúdios europeus, "futuras estréias" das casas da Avenida, fotos dos artistas populares e até entrevistas com os mesmos, quando passavam pela capital da Republica, como aconteceu com o popularissimo André Deed. O mais interessante é que essa revista ilustrada, impressa

em ótimo papel couchê, com capas coloridas, custava apenas "cem réis" o exemplar.

Foi na cidade do Rio Grande, no ano de 1915. A empresa Gaudio que ainda hoje explora os principais cinemas daquela cidade gaúcha) alugara o filme mais caro, até então apresentado

ali: — "As aventuras de Catarina", o célebre filme em séries da Selig, com Kathlyn Williams. E para provar ao público que o filme era mesmo "muito caro", expôz na vitrine de uma casa comercial o recibo do aluguel da fita, ao lado das 54 latas do filme. Imaginem qual era a importancia astronômica exigida pela locador da pelicula — dois contos de réis! As entradas de cinema custavam então quinhentos réis...

HEMORROIDAS E VARIZES

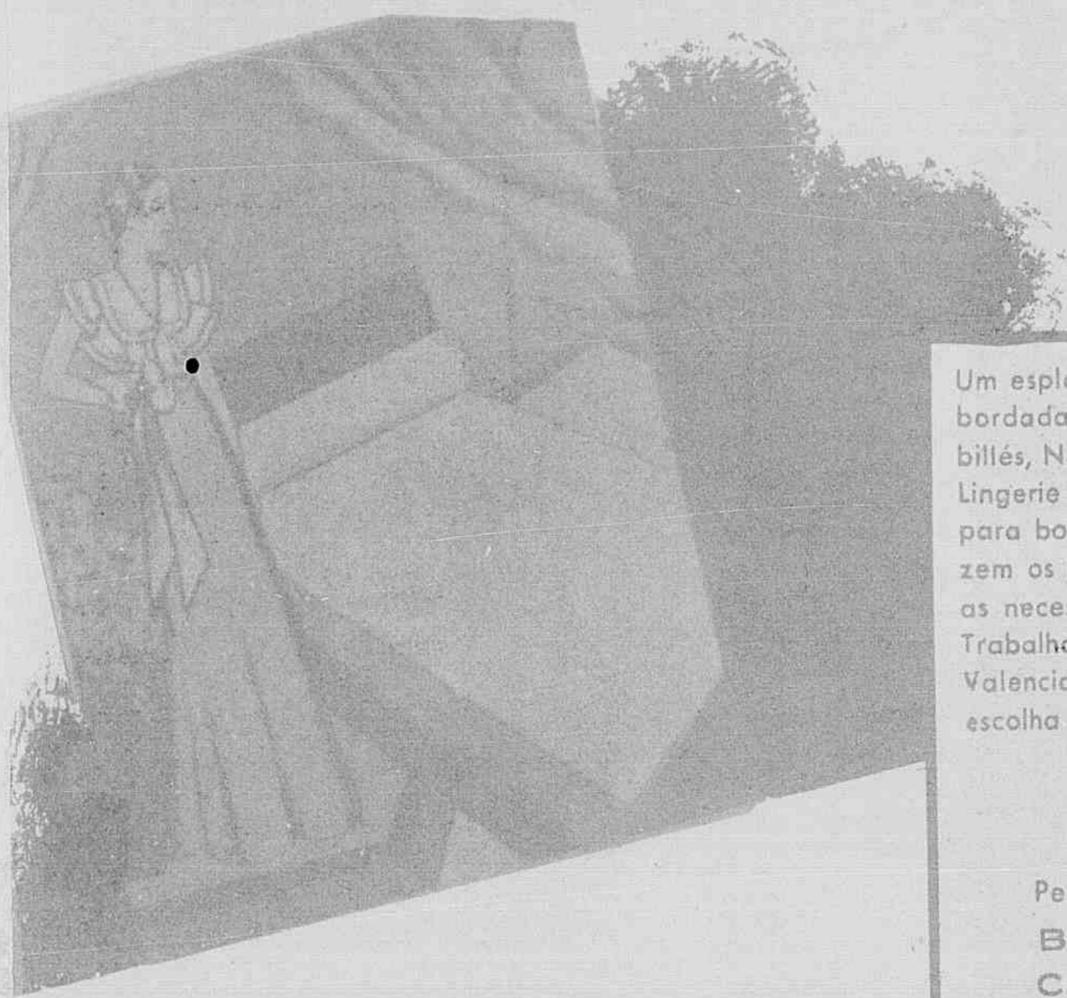
TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO

Após longos estudos foi descoberto um remédio de componentes vegetais, que permite fazer um tratamento, absolutamente seguro, das hemorroidas e varizes. HEMO-VIRTUS é o nome desse remédio, que para hemorroidas internas e VARIZES deve ser tomado na dose de 3 colheres de chá por dia. Para as hemorroidas externas, usa-se o HEMO-VIRTUS, pomada. Comece hoje mesmo e leia com atenção o tratamento na bula. Não o encontrando em sua farmácia, peça-o no depósito. CAIXA POSTAL 1.874 (UM-OITO-SETE-QUATRO) S. PAULO

HEMO-VIRTUS



A Lingerie Bordada



Um esplendido album contendo mais de 120 modelos de lingerie bordada do mais fino gosto. Camisas de dormir, Pijamas, Déshabillés, Nègligés, Liseuses, Peignoirs, Combinações, Calças, Soutiens, Lingerie para crianças e bebês, além de Inumeros monogrammas para bordar em pijamas e roupas finas. Todos os modelos trazem os respectivos riscos do bordado em tamanho natural, com as necessarias indicações, bastante minuciosas, para a execução. Trabalhos em renda Milaneza, Irlandeza, applicações de Racine, Valenciana, etc. - Um album de raro valor, pela variedade, escolha e delicadeza do que publica.

PREÇO 8\$000

Pedidos acompanhados das respectivas importancias, á
BIBLIOTHECA DA ARTE DE BORDAR
C. Postal, 880 -- Rio de Janeiro

FILET

UM LUXUOSO ALBUM EDITADO PELA BIBLIOTHECA DE "ARTE DE BORDAR"

O melhor presente para as senhoras, o mais bello thesouro de arte em "filet" ■ 150 motivos, em diversos estylos, que tambem poderão ser executados em "Crochet" e Ponto de Cruz ■ A mais variada colleccão de trabalhos de "filet" até hoje editada.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS -- PREÇO EM TODO O BRASIL 5\$000

PEDIDOS Á REDACÇÃO DE "ARTE DE BORDAR" TRAV. DO OUVIDOR, 34-RIO



É um luxuoso volume, impresso em rotogravura, com cerca de quatrocentas páginas, contendo modas, bordados, crochets, decorações, todos os trabalhos de arte, os arranjos de casa, cuidados de beleza, conselhos, litteratura, sport, cinema e curiosidade. Verdadeiro e util encantamento para o espirito feminino. A venda em todas as livrarias e joalheiros. — Pedidos à Travessa do Ouvidor, 34. — Rio.



Anuário das Senhoras

PARA 1939

À VENDA